

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**VERONICA A. RIBEIRO HAACKE**

**Tiro, porrada e bomba: análise das imagens de violência do  
MPL em 2013**

**VITÓRIA**  
**2016**

# **Tiro, porrada e bomba: análise das imagens de violência do MPL em 2013**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Fabio Gomes Goveia.

**VITÓRIA  
2016**

# **Tiro, porrada e bomba: análise das imagens de violência do MPL em 2013**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em \_\_\_ de setembro de 2016.

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Fabio Gomes Goveia**  
**Orientador**

---

**Prof. Dr.**

---

**Prof. Dr.**

**Vitória, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016**

## AGRADECIMENTOS

Foram muitos que passaram por mim e fizeram parte desse processo, que se iniciou em 2012 com a entrada na Universidade. Esse trabalho de conclusão de curso nada mais é do que uma reunião de tudo e todos que, de alguma forma, estiveram presentes nesses quatro anos. Hoje sou um pouquinho de todas essas experiências e pessoas, por consequência, essa vitória é também um pouco de cada um de vocês.

Em primeiro, o agradecimento aos meus pais: eles que me ensinaram o amor na forma mais empírica possível, que me deram a proteção e a liberdade necessárias para que eu seguisse pelo caminho que eu desejasse. Não mediram esforços para que alcançasse minhas metas e sonharam junto comigo por tantas vezes. Se preocuparam com as noites em claro e compreenderam por tantas vezes o mal humor e o espaço que eu precisava.

À Taty, irmã, companheira e tantos outros adjetivos que são capazes de caracterizar essa pessoa maravilhosa que segue comigo por essa vida. Ainda não aprendi a dizer sobre a nossa relação, que não é capaz de ser transformada em palavras. São sentimentos inexplicáveis e intensos que fazem de nós uma dupla. Obrigada pelos conselhos, pelo porto seguro e por me dar o chão que precisei durante toda a vida.

À família por sempre virem à Vitória carregados de amor, risos, abraços, histórias e carinhos das terras paulistas. Afinal, isso não consta como excesso de bagagem no aeroporto. À Perla pelas gargalhadas e por nos presentear com a Mimin, que tem a capacidade de acalmar todas as situações com seu abraço apertado e quando diz: te amo, tia Vê.

Ao grupo Viadagem sem fronteiras que não fizeram com que a distância territorial abalasse nossos laços. À Renata pelos infinitos cafés, colos e desabafos sobre a vida. Ao Rodrigo pelo abraço reconfortante e pela presença em todos esses anos de amizade. À Júlia por compreender as angústias e fazer do ato de chorar um momento coletivo. Ao Pedro pelos banhos de piscina seguidos de bagunças gastronômicas. À Lara pelas palavras tantas vezes duras e exatas que incrivelmente são carregadas de

carinho e companheirismo. Ao Victor por tantas vezes me tirar de casa e dividir as cervejas na Lama. E por fim, ao Arthur, o primeiro a ensinar que a distância física não é capaz de destruir tantos anos de amizade.

Aos meus Little Gordinhos por aguentarem todas as minhas reclamações constantes e por entenderem que alguns problemas só se resolvem com um abraço apertado e demorado e com um hamburger com refrigerante ou com comida mexicana e cerveja.

Aos amigos de Ufes por compartilharem a vivência da universidade, por contarem as moedas para o café ruim e o pão de queijo duro da cantina. Em especial à Pamela e Gustavo, que me deram de presente a convivência, as trocas, as lutas, as conversas e o amor.

Aos amigos Diego, Léo, Ronald, Rafa, Vivian, Bruninha que dividiram tantas histórias, vivências, experiências e madrugadas, que deram forças durante todo esse momento, entenderam minha ausência e compartilharam momentos de desabafo.

Um agradecimento muito especial aos amigos do Labic que tanto foram essenciais nesses três anos de permanência no laboratório e que me ajudaram a construir esse trabalho, além de proporcionar as vivências gastronômicas, turísticas e de amizade pelas tardes dos dias. Principalmente um agradecimento ao Tasso, Will, Andrei e Patrick que tentaram de todas as formas solucionar os problemas com os processos metodológicos, de visualização de dados e as partes mais técnicas que o trabalho aborda. À Jojo e Mila por se tornarem pessoas especiais para partilhar o dia-dia, viagens, histórias e fofocas. À Marianne por dividir comigo os estudos sobre o Movimento Passe Livre, assim como os abraços e os brigadeiros nas tardes de angústia. E ao Goveia por me apresentar o ambiente de pesquisa e ensinar outros caminhos que poderiam ser seguidos dentro da comunicação.

Por fim, um agradecimento à minha avó-mãe por tanto ter se dedicado à minha criação durante 14 anos e ter me ensinado sobre o amor. Hoje não segue comigo fisicamente, mas sempre se faz presente nos dias, nas memórias e nas saudades.

## RESUMO

Em junho de 2013 o Brasil se viu em um novo momento: recorrentes atos que reivindicavam primariamente o aumento do valor no transporte público em São Paulo. Contudo, com o decorrer dos atos, novas reivindicações foram ganhando forma e ganhando as ruas, como por exemplo contra o posicionamento abusivo que a polícia estava tomando para conter os manifestantes nas ruas. Manifestações e movimentos sociais não foram a novidade em si, mas a forma como eles ocorreram, foram organizados e divulgados é onde se encontra a novidade em 2013. Esses atos tiveram como uma importante ferramenta para sua organização, divulgação e fonte alternativa aos grandes meios comunicacionais os sites de redes sociais. Além das notícias e dos relatos que ganharam força na internet, as imagens de momentos dos atos foram muito importantes para conduzir a narrativa do movimento.

Assim, com a ideia de analisar tanto as oportunidades que os avanços da internet e dos sites de redes sociais possibilitaram para esse cenário de manifestações, como analisar as Jornadas de junho em si, vem a proposta do trabalho: compreender como as imagens compartilhadas nos sites de redes sociais, em específico as imagens que mostravam a violência dos atos, puderam narrar os acontecimentos do mês de junho e como essas imagens retratavam a violência que tanto foi comentada durante as manifestações.

**PALAVRAS-CHAVE:** movimentos sociais; movimento passe livre; sites de redes sociais; violência; imagens; visualização de dados

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 01:</b> Linha do tempo de momentos relevantes organizados pelo MPL.....                    | 29 |
| <b>Figura 02:</b> Visualização de usuário x brilho médio imagens #protestoes.....                    | 34 |
| <b>Figura 03:</b> Visualização tempo x quantidade de RT #passelivre.....                             | 36 |
| <b>Figura 04:</b> Esquema com o processo de coleta das imagens #passelivre.....                      | 40 |
| <b>Figura 05:</b> Visualização das imagens de violência a partir do matiz da cor.....                | 41 |
| <b>Figura 06:</b> Visualização das imagens de violência a partir do número de compartilhamentos..... | 44 |
| <b>Figura 07:</b> Imagem mais compartilhada, com 56 RTs.....   | 45 |
| <b>Figura 08:</b> Segunda imagem mais compartilha, com 45 RTs .....                                  | 46 |
| <b>Figura 09:</b> Terceira imagem mais compartilhada com 29 RTs.....                                 | 46 |
| <b>Figura 10:</b> Quarta imagem mais compartilhada com 34 RTs.....                                   | 47 |
| <b>Figura 11:</b> Quinta imagem mais compartilhada com 34 RTs.....                                   | 48 |
| <b>Figura 12:</b> Sexta imagem mais compartilhada com 31 RTs.....                                    | 48 |
| <b>Figura 13:</b> Sétima imagem mais compartilhada com 27 RTs.....                                   | 48 |
| <b>Figura 14:</b> Oitava imagem mais compartilhada com 27 RTs.....                                   | 48 |
| <b>Figura 15:</b> Nona imagem mais compartilhada com 23 RTs.....                                     | 49 |
| <b>Figura 16:</b> Décima imagem mais compartilhada com 22 RTs.....                                   | 49 |

# SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Introdução.....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>1 Internet, imagens e memória.....</b>  | <b>12</b> |
| 1.1 Surgimento da internet e a web 1.0.....  | 12        |
| 1.2 Chegada da web 2.0 e os sites de redes sociais.....                            | 15        |
| 1.3 Imagens e memória.....   | 17        |
| <b>2 Movimentos sociais, internet e Movimento Passe Livre.....</b>                 | <b>21</b> |
| 2.1 Movimentos sociais nas redes online.....                                       | 21        |
| 2.2 Definição de movimentos sociais.....   | 23        |
| 2.3 O Movimento Passe Livre e sua organização em 2013.....                         | 26        |
| <b>3 Metodologia de coleta e visualização de dados através da #passelivre.....</b> | <b>32</b> |
| 3.1 Histórico dos processos de coleta e visualização de dados.....                 | 32        |
| 3.2 Estudo de caso #passelivre.....  | 34        |
| 3.3 Violência nas imagens da #passelivre.....                                      | 37        |
| 3.4 Visualizações e análises com as imagens de violência #passelivre.....          | 40        |
| <b>Considerações finais.....</b>   | <b>51</b> |
| <b>Referências bibliográficas.....</b>   | <b>53</b> |



## INTRODUÇÃO

As manifestações ocorridas em 2013 no Brasil, também chamadas de Jornadas de Junho de 2013, receberam intenso destaque pela mídia nacional e internacional, como também forte presença nas redes online. São vários fatores que levaram à visibilidade desses atos: foi um movimento predominantemente jovem; seus atos eram todos noturnos, dando a possibilidade de mais pessoas participarem das manifestações e não ficar um ato centrado em estudantes; o movimento tinha como ideia central a não-hierarquia, onde todo o processo era colaborativo e coletivo; uso dos sites de redes sociais como importantes fontes de informação alternativa à grande mídia, além de seu uso para mobilização e organização dos atos, ademais, foi um movimento que iniciou em São Paulo e ganhou proporção nacional, com diversos atos pelo país.

[...] em junho de 2013, ocorreu em 12 capitais brasileiras, e em várias outras cidades de médio porte, uma onda de manifestações populares nas ruas, praças e avenidas. Na história do país registramos o mesmo feito apenas em três momentos: em 1992, no impeachment do ex-presidente Collor de Melo; em 1984, no movimento Diretas Já, no período do regime militar, em luta pelo retorno à democracia; e nos anos de 1960, nas greves e paralisações pré-Golpe Militar de 1964, e em 1968, com o movimento dos estudantes, a Passeata dos Cem Mil etc. Estima-se que cerca de dois milhões de pessoas saíram às ruas do país entre junho e agosto de 2013, em 483 municípios, para protestar na condição de cidadão indignado contra tarifa de ônibus e a qualidade de vida urbana. (GOHN, 2014, p.7 )

Além dessas características, houve intenso uso dos sites de redes sociais, seja para organizar os eventos e mobilizar mais indivíduos ou como fonte alternativa de informações diferentes das publicadas pela grande mídia. As narrativas foram construídas de forma colaborativa, com diversas interpretações e posicionamentos sobre os atos ocorridos. Isso gerou um grande número de compartilhamentos sobre a temática das manifestações de junho na rede, seja em forma de texto, vídeo ou imagem.

Vale ressaltar também que muitos desses conteúdos compartilhados em rede abordavam a temática violência nos protestos, que foi um dos motivos que levou o movimento estudantil de São Paulo contra o aumento das passagens ao conhecimento nacional e internacional. Por muitas vezes a polícia agiu com uso desproporcional da força, com violência e prisões dos manifestantes que estavam presentes na rua. Isso

gerou indignação nos indivíduos que começaram a se mobilizar para participar dos movimentos, somando-se à demanda de mobilidade urbana, também a reclamação das ações truculentas desenvolvidas pela polícia. A violência também foi uma justificativa para a mudança de posicionamento da mídia que antes retratava as manifestações como atos de estudantes vândalos e a partir da intensificação da violência pela polícia, que feriu até uma jornalista que estava trabalhando, passou a retratar o movimento como “belo ato de democracia”. Assim como a violência policial, também foi divulgado em rede a violência abordada pelos manifestantes como tática de performance para os atos. Principalmente promovida pelos grupos com tática Black Bloc, a performance de violência resultou em intervenções nos patrimônios públicos e privadas, com vidros quebrados, incêndios, ocupação dos espaços entre outros modos.

Diante de tantas publicações produzidas nos sites de redes sociais, surge o objetivo desse trabalho: compreender um pouco do que foram as manifestações de 2013 através da análise de imagens publicadas na rede social Twitter. Contudo, para uma análise mais específica, foi realizado um corte de temática dentro das imagens totais, uma espécie de inventário (PIMENTEL, 2014), em que se selecionou apenas as imagens que retratavam a violência do movimento – seja ela por parte da polícia ou por parte dos manifestantes. Dessa maneira, as análises servem para entender como essas imagens de violência são capazes de conduzir a narrativa do movimento, se elas são significativas para entender como a violência do movimento foi representada, assim como entender a sua repercussão nas redes.

Para alcançar o objetivo do trabalho, foram necessários estudos sobre internet, imagem, movimentos sociais, violência e compreender o que foram as jornadas de junho. Além disso, foram utilizados métodos e ferramentas para a coleta e visualização dos dados, para que fosse possível inferir sobre as imagens de violência dos protestos. Para ambos processos – coleta e visualização de dados – foram usados os estudos e pesquisas desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura – LABIC Ufes. A coleta foi centrada na hashtag #passelivre presente no Twitter, pois centrava a demanda inicial do Movimento Passe Livre. Já as visualizações foram realizadas a partir das cores das imagens e o número de compartilhamento que obteve na rede.

Assim, o trabalho se estrutura em três capítulos em que se abordam as discussões teóricas em torno da temática, os processos metodológicos para gerar as visualizações e as análises que possibilitaram inferir sobre o estudo de caso.

O primeiro capítulo trata primariamente a questão da internet e das redes online como principal foco. Nele se compreende o surgimento da web, os seus avanços e as mudanças no processo comunicacional que provocaram. Da mesma forma, aborda a questão da imagem com importante papel para construção da memória de um acontecimento e para conduzir narrativas de um acontecimento – principalmente no momento contemporâneo em que os sites de redes sociais exercem importante papel nas relações interpessoais.

O capítulo 2 começa com a abordagem dos movimentos sociais nas redes online, com a utilização da internet como importante aliada para a sua organização, mobilização e compartilhamento de informações. Após isso, faz um estudo mais focado nas ciências sociais, com uma compreensão geral sobre movimentos sociais, incluindo teorias que visam compreender as ações coletivas. Ademais, é realizado histórico do Movimento Passe Livre, assim como uma cronologia de todo os atos do movimento em que o MPL participou.

Por fim, no último capítulo está o processo empírico do estudo. São discutidos os processos metodológicos de coleta e visualização de dados, com um histórico de outras coletas e visualizações realizadas pelo Labic que serviram como base para esse estudo em específico. Além disso, é nesse capítulo em que se focam as análises que objetivaram essa pesquisa, com o propósito de compreender como as imagens de violência dos protestos puderam conduzir a narrativa do movimento.

# 1 – Internet, imagens e memória

## 1.1- Surgimento da net e a web 1.0

A internet, desde o seu surgimento, passando por todos os seus avanços até os dias atuais vem mudando a forma de se comunicar, sejam mudanças na produção e compartilhamento de notícias até mudanças nas relações interpessoais e como as pessoas estabelecem suas redes sociais. As ferramentas online que existem hoje intensificaram as relações online e offline como também alteraram a criação e a publicação das narrativas pessoais e informativas. Para compreender essas mudanças relacionais e comunicacionais, se faz necessário compreender a genealogia da internet, assim como suas alterações e evoluções.

A Internet – criada originalmente como uma máquina de combate – era um dispositivo de monitoramento e controle. Mas foi tomada de assalto por micropolíticas estranhas, fazendo da rede um meio de vida e uma máquina de cooperação social, por intermédio da multiplicação de grupos de discussão na usenet e na BBSs (de quem as atuais redes sociais se originam), tornando a então Arpanet um dispositivo de produção de relações, de afetos, de cooperação e de trocas de conhecimentos micropolíticos, e não apenas um meio de transporte de informações científicas, financeiras e militares. (MALINI, ANTOUN, 2013, p. 17)

O surgimento da Internet está relacionado à Guerra Fria, em que as superpotências EUA e URSS estavam em disputa, principalmente tecnológica e armamentista. A ideia de internet surge como uma ferramenta que pudesse atingir a superioridade militar e que fosse um sistema de comunicação que pudesse sobreviver aos ataques nucleares. Contudo, os estudos para essa segurança frente aos ataques nucleares se iniciam em 1950, através de Paul Baran. Sua proposta era criar uma “rede distribuída, em que cada nó podia ter inúmeras ligações com outros nós, o que impossibilitava a quebra de comunicação, caso algum deles fosse destruído.” (CALMON, 2013, p. 19). Porém, no período em que Baran propôs essa ideia, não havia tecnologia suficiente para isso, já que era necessário um sistema digital, inexistente na época. Surge nessa ideia de Baran o embrião para o que viria a ser posteriormente a Internet – fragmentar a mensagem em pequenos pedaços, para ser transportado ao longo da rede e só seria remontada em seu destino final formando a mensagem original.

O projeto da Internet só foi de fato iniciado em 1965, pela ARPA<sup>1</sup>, quando ocorreu o financiamento da 1ª rede de computadores e troca de dados. O resultado dessa rede foi o surgimento da Arpanet, que tinha como objetivo promover a pesquisa em computação interativa, que teria como consequência e resultado a internet de hoje. O projeto da Arpanet surge com o objetivo de proteger os EUA de uma ameaça comunista no contexto de Guerra Fria. Após sua criação, a rede permaneceu sendo um instrumento militar e posteriormente um instrumento para a pesquisa científica, estando centrada nas mãos de militares e de instituições universitárias.

Nos anos 90 foi quando, de fato, a maioria dos computadores já estava conectada e poderia acessar a ARPA-INTERNET. A criação da Internet e a conexão dos computadores, que surgiram com intuítos militares e de pesquisa, estabeleceram também a conexão dos computadores pessoais, dando início assim à web que é denominada 1.0.

É com a web 1.0 que o usuário passa a ter mais participação na construção das narrativas. Quando o computador se transforma em um meio acessível para mais pessoas, ele também passa a ser uma ferramenta importante para a construção das narrativas dos cidadãos. O computador aliado à internet dá aos usuários a possibilidade de compartilhamento de informações em larga escala, via online.

A web 1.0 dá a possibilidade do usuário em construir seu próprio site, visualizado através de uma página principal, denominada homepage. Os conteúdos eram publicados, editados e de autoria do autor do site. Nesse momento reside a liberdade de publicação e compartilhamento de informações. Não era preciso de um editor que selecionasse os conteúdos que seriam publicados. Qualquer pessoa que possuísse a técnica utilizada pela homepage, ou seja, o HTML poderia criar seu canal de comunicação com seu público.

É durante essa etapa da web que acontece o advento dos blogs como importante canal de comunicação. Os blogs eram uma coleção de links com comentários breves

---

<sup>1</sup>Agência americana Advanced Research Projects Agency - Agência de Pesquisas em Projetos Avançados, fundada em 1958. Surge como uma iniciativa do governo norte-americano em efetuar pesquisas e tecnologias para manter a superioridade tecnológica dos EUA em relação à União Soviética.

(MALINI, 2013). Ele surge com a ideia de reunir, selecionar e distribuir links de conteúdos que estavam em outros sites para os demais usuários. Esse foi o primeiro gênero dos blogs, o post-link (MALINI, 2013). Eles funcionavam como um editor que direcionava seus usuários a outros sites que possuíam as informações, fazendo uma alusão ao próprio sistema tradicional de comunicação. Aos poucos a ideia dos weblogs também foi se modificando. Além dos links compartilhados, começou a serem publicados pequenos textos, com conteúdos breves. Os blogueiros passaram a ter função além de fontes de links, passaram a também escrever sobre o que aqueles links falavam.

No começo de 99, para mostrar popularização dos diários virtuais, Peter Merholz divide o termo weblog em “we blog” (nós blogamos), criando ao mesmo tempo a palavra (blog), o verbo (blogar) e o sujeito (blogueiro). (MALINI, ANTOUN, 2013, p.119)

Foi em 1999 que além das mudanças nas publicações dos blogs, com breves publicações, ocorrem também mudanças na estrutura dos sites. Mesmo o usuário que não dominava a linguagem HTML por completo poderia também criar sua própria plataforma de comunicação. Isso porque algumas empresas desenvolveram softwares que automatizavam e tornavam gratuita a publicação de blogs. Foi nesse período que surgiu o Blogger, o mais popular sistema de publicação online (MALINI, 2013). As interfaces, assim como a publicação dos conteúdos são facilitadas. Isso possibilita uma proliferação dos blogs.

O blog passa então a dar vazão a uma nova modalidade, os diários online. Devido à facilidade de publicação e ser abrangente quanto aos temas publicados, muitos começam a usar a plataforma como diário de sua vida pessoal. Nada mais do que tornar online e compartilhada a antiga atividade da escrita nos cadernos sobre o dia a dia. Os blogs passaram a ser cada vez mais personalizados. O antes compartilhamento de links e indicações para outros sites passa a ser o compartilhamento da própria vida e cotidiano do blogueiro.

Os blogs então formam a blogosfera, uma interconexão entre vários blogs, comentários e posts que estavam interligados e formando uma ideia de comunidade e similaridade entre os blogs, por mais que sejam heterogêneos e um coletivo de várias experiências individuais. Pode-se dizer que a blogosfera se destoa da comunicação de massa por ser um coletivo de discursos que exprimem a singularidade de cada usuário,

com suas vivências e sua forma de narrá-las. Não há um modelo/formato a ser seguido além do que o autor queira expressar e sua maneira de realizar isso.

É na web 1.0 que o jornalismo online dá seus primeiros passos, em uma união dos portais de notícias, sites especializados e os veículos independentes, como os blogs, que passaram a ter um público mais abrangente. Além disso, todas as transformações na internet – poder de compartilhamento e publicações e as interações online - que ocorreram nessa fase serviram de base para a próxima fase da internet, denominada web 2.0.

### *1.2 – Chegada da web 2.0 e os sites de redes sociais*

A primeira principal diferença dessa web para a 1.0 é a mudança de homepage para timeline (MALINI, 2013). A internet se torna mais colaborativa, com a reunião de várias publicações dos usuários que estão interconectados em apenas uma página – timeline. Ela incorpora as publicações por ordem de atualidade, ou seja, o que foi publicado mais recentemente aparece primeiro do que o que foi publicado antes. Ao mesmo tempo que a publicação é realizada ela aparece nas timelines daqueles usuários que tem o autor em seu círculo. Ademais, o usuário passa a ser denominado como perfil.

Criam-se os sites de redes sociais que vão estabelecer novas relações na rede online, mas também vão fortalecer os vínculos que já existem no modo offline – redes sociais. Elas facilitam a comunicação entre as pessoas que estão conectadas na rede. Os sites de redes sociais vão intensificar as mudanças na esfera comunicacional, sejam elas em relação ao público e aos grandes veículos de comunicação, como também as relações em esferas menores e interpessoais. A lógica dos sites de redes sociais é a seguinte: você, como usuário, perfil e autor, só existe se estiver conectado a outros perfis, que também são autores. É preciso ser lido, se conectar e se relacionar a outros usuários para ser visível e existir em rede.

Talvez uma das maiores transformações que ocorreram com o advento das redes sociais online. Essa é a ideia de coletividade e do compartilhamento de conhecimento.

O conhecimento individual pode ser compartilhado com os demais perfis em rede, onde esses demais perfis podem também interagir com a publicação, comentando, compartilhando, promovendo assim uma interação tanto entre os perfis como também entre os conteúdos. Dessa forma, se estabelece a possibilidade de uma construção mais ativa, colaborativa e participativa dos conteúdos de informação.

Com o avanço das tecnologias e dos aparatos de dispositivos móveis – celulares, tablets, smartphones - que permitem o usuário se conectar à internet em diversos lugares e possibilita o uso de aplicativos de redes sociais online, mais perfis e usuários se tornaram adeptos do uso dos sites de redes sociais, principalmente para estabelecer a comunicação rápida com seus amigos e demais usuários da rede. Os dispositivos móveis intensificam a ideia de informação instantânea e imediata, que pode conectar os usuários independentemente de onde estejam, facilitando assim as trocas comunicacionais.

Essas facilidades de acesso – internet, tecnologias e os sites de redes sociais – intensificam a ideia que teve início com os blogs, uma alternativa de informação diferente da publicada pelos grandes veículos de comunicação. Cada vez mais se tem a ânsia por buscar novas fontes de informação, outras versões dos fatos e, principalmente, uma comunicação que seja mais livre e coletiva, com uma visão mais imparcial possível dos fatos, que não precise seguir aos moldes que os meios de comunicação tradicional exigem.

São essas possibilidades de rede online expandida, tecnologia de dispositivos, os sites de redes sociais e o uso intenso dessas ferramentas que criaram o que se chama hoje de narrativas monstro, ou seja, uma multiplicidade de narrativas que são construídas pela multidão.

O então fluxo comunicacional UM- TODOS, característico dos grandes veículos e corporações de comunicação, em que o centro informacional representa esses veículos que compartilham as informações para os demais cidadãos, deixa de ser o único fluxo, já que há a possibilidade do fluxo TODOS-TODOS. Esse esquema segue a lógica de que todos que possuem aparatos básicos e a vontade de compartilhar algum conteúdo/informação assim o podem fazer e atingir uma grande quantidade de usuários. Assim, o indivíduo tem a possibilidade de não ser apenas receptor da informação, mas



também produtor de conteúdo que pode ser compartilhado para os demais indivíduos. A produção e o compartilhamento de informações e conteúdos passam por uma lógica mais democrática e acessível, permitindo ao indivíduo que possui esses aparatos seja também uma fonte de informação que possa gerar e compartilhar conteúdos. “Dessa maneira, uma grande quantidade de conteúdo é produzido e compartilhado, gerando um grande volume de dados.” (HAACKE, GOVEIA, CARREIRA, 2014. p.2)

Pode-se dizer que essa construção de grandes e múltiplas narrativas se faz principalmente pelo casamento dessas duas condições – sites de redes sociais e dispositivos tecnológicos. Os sites de redes sociais possibilitam o compartilhamento das informações para uma maior quantidade de usuários, fazendo com que esse conteúdo seja visível e abrangente. Assim como os dispositivos móveis possibilitam que esse conteúdo seja compartilhado, através dos celulares, computadores, tablets e afins, que podem acessar os sites de redes sociais em que o conteúdo será compartilhado.

Além dos dispositivos móveis, os sites de redes sociais potencializaram um maior fluxo de compartilhamento desses conteúdos. Criados com a ideia de criar redes de pessoas, que possam compartilhar e trocar conteúdos e afetos, os sites de redes sociais se transformaram em um grande palco de publicações, com textos, áudios, vídeos e imagens. O usuário pode compartilhar, na rede online, entre uma foto e outra, sua opinião sobre algo que leu/viu/ouviu; publicar um texto seu ou de outra pessoa e etc. O usuário passou a ser compartilhador essencial de informação. Passou a ter mais liberdade para dizer o que pensava. Somando-se a isso, o usuário obteve a possibilidade de atingir um maior número de pessoas com as suas publicações e produzir um maior volume de conteúdo. (HAACKE, GOVEIA, CARREIRA, 2014. p.2)

### *1.3 - Imagens e memória*

As imagens são um importante suporte em que a memória se sustenta, pois ela pode ser uma “concretização”, tornar a memória como algo “palpável” e possível de ser visto. Os museus fazem essa espécie de memorização através da imagem, seja ela fotografia, objetos, estátuas. É uma maneira de trazer o passado para o futuro através de objetos e materiais fixos. Além de tornar o passado presente para que não haja perigo de esquecimento, é uma forma de entender e compreender algo que aconteceu e um período da história.

A fotografia, desde o seu surgimento, quando era elitizada e uma maneira da burguesia se ver representada, já usava a coletânea de fotografias para trazer o seu passado em um presente. Assim, permanecia a ideia de uma volta ao passado, como também deixar registros para que no futuro sejam lembrados.

Neste sentido, desde os seus primórdios, a experiência da fotografia não esteve apenas associada ao passado, como retenção do fluxo temporal-congelamento do movimento, mas inclinava-se igualmente em relação ao futuro, como expectativa do que a imagem viesse a figurar. (LISSOVSKY, 2007. p.43)

Com a popularização da fotografia e a abrangência de seu público, mais pessoas começaram a construir seu próprio álbum de memórias com as fotografias. Uma característica familiar, com a ideia de construir a identidade de uma família e deixá-la sempre a postos de ser vista novamente. Um arquivo/coletânea da própria história e da história de seus membros. Além da criação do álbum, reunir a família e amigos para que as fotografias fossem vistas também se tornou uma prática recorrente, uma espécie de “socialização das memórias”, transmitir as memórias presentes nas fotografias para demais indivíduos.

Na contemporaneidade, a importância das imagens está cada vez mais intensificada. Além dos dispositivos que possibilitam a produção e compartilhamento de textos, há um grande aprimoramento de dispositivos que permitem o registro e compartilhamento de imagens, sejam elas fotografias ou vídeos. Os sites de redes sociais tem se tornado cada vez mais visuais, ainda mais com a criação de aplicativos e sites de redes sociais que são primariamente para o compartilhamento de imagens, como é o caso do Instagram e Flickr.

A imagem se faz muito importante e presente na rede online. Ela carrega em si uma maneira de dizer o que está acontecendo sem palavras e ter a capacidade de dar veracidade a um evento – por mais que se saiba sobre a manipulação de imagens e de que a imagem também pode omitir e mentir sobre os fatos. Atualmente com um grande volume de informações e relatos que são compartilhados nas redes, a imagem tem o papel de comprovar aquele fato, trazer a verdade sobre o ocorrido. É importante perceber que talvez em decorrência da intensa velocidade das informações, assim como das mudanças tecnológicas e do compartilhamento de conteúdos – que aceleram e encurtam a concepção do tempo presente - a imagem se faz tão presente, como uma

forma mais direta e rápida de se passar uma informação e um conteúdo. Além disso, a ideia de imagem nos sites de redes sociais é um modo de se tornar visível para aquela rede e para aqueles usuários. Compartilhar imagens, sejam elas pessoais ou de outros conteúdos, é uma forma de se fazer presente e garantir sua visibilidade na rede.

É válido ressaltar que em um ambiente globalizado como a internet a imagem se torna ainda mais importante. Afinal ela não precisa de um idioma para ser “lida”, pode ser interpretada independentemente da sua nacionalidade, não limitando assim, territórios geográficos e linguísticos para seu entendimento.

Com a noção de encurtamento do presente, tornar a memória viva e trazê-la do passado tem sido uma tarefa intensificada e emergencial. Por isso, cada vez mais criação de museus e formas de tornar essa memória como algo do presente tem ocorrido. Assim como Huyessen (2000) cita Hermman Lübbe, ocorre o processo de musealização da vida cotidiana. Não somente como um processo da intensa criação de museus, mas também como processo em obsessão do passado. “Não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis nesse processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total.” (HUYESSEN, 2000, p.15)

Essa obsessão pelo passado não está somente na criação de mais museus, mas também no intenso uso dos sites de redes sociais como uma maneira de deixar registrado tudo aquilo que vive e experiencia no dia a dia. Ao mesmo tempo em que se compartilha com os demais usuários o que aconteceu em sua vida, ocorre também um armazenamento do que foi publicado, uma maneira de produzir a memória do acontecido para que depois possa ser retomada. Assim, a ideia de musealização do cotidiano é tornar a vida visível como uma obra de um museu, que está em exposição e pode ser revisitada. Essa ideia encontra uma dicotomia entre exibição e produção de memória, isso porque só se produz a memória nos sites de redes sociais quando há a publicação de conteúdos, ou seja, quanto mais presente na rede e maior a exibição do que acontece em sua própria vida, mais conteúdos de memória são produzidos, que, posteriormente, poderão ser acessados como itens para a rememoração de um acontecimento.

Pode-se dizer que a tecnologia é um importante meio para que a memória fique cada vez mais disponível, para que ela sempre possa estar presente na vida da sociedade. A mídia, a imprensa, a TV e ultimamente a internet são ferramentas da atualidade que permitem esse acesso à memória. É possível retomar algo que foi publicado, transmitido, escrito através desses meios. As publicações online, sejam elas de texto, imagens ou vídeos, ao permanecerem salvas e possíveis de serem retomadas, agem como ferramentas para a construção da memória de um passado.

Manovich trata em seu texto – *Subjects and styles in Instagram photography* - a questão da tecnologia e a imagem, o que se pode levar para o contexto de imagem na internet e a memória. Ele relaciona a questão de álbum de fotografias de família com os sites de redes sociais e a virtualização do álbum de família (MANOVICH, 2015).

Com os avanços tecnológicos, tanto com o surgimento da internet e dos sites de redes sociais, essa memória através da fotografia continuou existindo, contudo, o álbum de família tornou-se público. A ideia de compartilhar com todos os amigos e os seguidores presentes em sua rede se estabeleceu, como é o caso do uso do Instagram. Cada vez mais usuários começaram a usar essa ferramenta como maneira de se contar uma história através de suas imagens, através do que vê no seu dia a dia e de seus acontecimentos. A velha história do álbum de família, só que agora com uma abrangência muito maior. A memória do que foi feito, de quem se é e de como se é agora é feito através das imagens publicadas nas redes. É uma espécie de criar suas memórias através dos sites de redes sociais.

Assim, cada vez mais os sites de redes sociais se incluem na sociedade, participando da vida de seus indivíduos, seja como uma maneira alternativa de informação, para estabelecer relações interpessoais e contatos entre os usuários, como ferramenta de compartilhamento de imagens, como meio para a construção de memórias, tanto como utilizada para questões políticas e sociais, como o caso do uso de sites de redes sociais nos movimentos sociais do século XXI.

## **2– Movimentos sociais, internet e Movimento Passe Livre**

### *2.1- Movimentos sociais nas redes online*

É interessante observar o quanto as transformações comunicacionais e relacionais foram potencializadas pela internet. Além da mudança no compartilhamento das informações – que passam de um-todos para todos-todos e as mudanças nos hábitos relacionais e no estabelecimento das redes de convivência a internet e seus avanços também alteraram as formas de ações coletivas e os movimentos sociais originários dessas ações.

Os movimentos sociais contemporâneos, principalmente os realizados a partir dos anos 2000, começaram a utilizar as tecnologias como internet e os sites de redes sociais como importantes aliados para seu desenvolvimento, seja para cobertura em tempo real, fonte alternativa de informações além da possibilidade de as utilizar como maneira de mobilização e de ganhar visibilidade global.

A internet, com a autonomia que dá ao usuário, possibilita que ele narre um acontecimento, um fato, sem a necessidade de uma intermediação da mídia tradicional. Para que a narrativa aconteça é necessária apenas a relação entre quem publica e o seu público através das mídias online. É mais fácil e não precisa de todas as esferas que os grandes veículos utilizam para a publicação de seu conteúdo. Dessa maneira, ocorre uma interação em rede, tanto entre os usuários como também uma interação dos usuários com os conteúdos que são publicados. O usuário, ou melhor, perfil da rede social online, não é apenas um receptor de informação. Ele interage, compartilha, mostra sua opinião, e ganha uma voz que atinge de maneira muito mais ampla e intensa.

Nela uma democracia torna-se possível porque a multidão armada pela comunicação distribuída e pelas interfaces de expressão coletiva faz o problema da cidadania pós-moderna e da segurança pública convergir na direção da organização dos movimentos sociais e seus coletivos, apontando na direção de uma nova ordem democrática. (MALINI, ANTOUN, 2013, p.206)

Os movimentos assim conseguem agir de maneira livre, conseguindo se comunicar com os demais usuários e mostrando uma narrativa dos acontecimentos de dentro do movimento. Não é um olhar de fora que vai falar sobre uma manifestação, por exemplo, é o próprio olhar do participante e manifestante que guiará a construção do

conteúdo. Se desvincula do posicionamento da mídia, que muitas vezes não é imparcial e não leva ao seu grande público a realidade dos fatos por completo.

Ademais, sites de redes sociais como o Facebook, dão ao usuário a ferramenta de criação de eventos e grupos, o que facilita a organização de atos promovidos pelo movimento, podendo assim atingir um maior número de usuários e por consequência mobilizá-los, como também unir vários usuários para discussões que envolvam a temática e, assim, sair da esfera local e conseguir atingir um maior número de pessoas.

A relação da internet com os movimentos faz com que a ideia de participação se amplie. A internet passa a ser uma extensão da rua, possibilitando que o usuário participe de um movimento e de uma luta mesmo não estando nas ruas. Essa questão elimina as fronteiras territoriais – um usuário na Espanha pode participar de um movimento em São Paulo, por exemplo, além expandir a ideia dos espaços de luta diferente da rua. A participação pode ser online, seja acompanhando o que está acontecendo através de streamings<sup>2</sup>, como também compartilhando informações, replicando conteúdos e também dando sua opinião e visão sobre o acontecimento. O usuário passa a fazer parte do movimento, mesmo que não esteja nas ruas.

A construção da narrativa do movimento passa a ser coletiva e colaborativa. Várias pessoas contam sobre o movimento, exprimem suas ideias e visões sobre os fatos ocorridos, mostrando vários lados e uma multiplicidade de interpretações sobre um mesmo fato. A ideia da cobertura colaborativa foge mais uma vez da estrutura fixa da cobertura midiática tradicional, compartilhando vídeos, textos e fotografias de momentos do movimento que por muitas vezes não foram abordados pelos grandes veículos de comunicação.

Além da característica colaborativa, por muitas vezes os sites de redes sociais possibilitaram uma comunicação em tempo real ao que estava acontecendo nos momentos de ações nas ruas, garantindo uma cobertura ao vivo para aqueles que não

---

2

Streaming é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas. O Youtube é uma das ferramentas que utiliza essa tecnologia para transmitir seus vídeos em tempo real. Existe também o Live Streaming, que é a transmissão ao vivo de um vídeo.

puderam estar nas ruas, conectando assim as ruas e as redes, ligando os participantes ativos nas ruas e os que acompanhavam a partir das redes online.

É através da internet que muitos movimentos ganham força, em decorrência de uma maior e facilitada mobilização de usuários, assim como uma maior abrangência territorial, já que as fronteiras de espaço são quebradas pela internet. Assim, o que antes era de esfera local, ganha visibilidade nacional, quiçá global, de um movimento que poderia não ter tanta visibilidade se dependesse da mídia tradicional.

As Jornadas de junho, ocorridas em 2013 e que tem como principal impulsor o Movimento Passe Livre, são uma grande referência mais atual da relação internet e movimentos sociais. O movimento ganhou força e grande proporção devido as redes online, que foram utilizadas tanto como ferramentas de organização para os eventos, assim como importantes ferramentas para mobilização de usuários e compartilhamento de informações. A rede online ampliou o espaço de mobilização social, integrando a rua e a internet em um movimento, dando ao ciberespaço também uma categoria de ambiente de luta, assim como a rua.

Embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet [...] espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos. (CASTELLS, 2013. p.160)

Um importante fato e que merece ser destacado, principalmente pelas características que o Movimento Passe Livre preza - que serão vistas posteriormente -, é que a internet possibilita a questão de horizontalidade. Na internet não há uma figura central de organização ou mediação. Todos comunicam a todos com o mesmo peso e mesma importância, não havendo assim distinções hierárquicas. Todos podem organizar, divulgar e produzir conteúdos da mesma forma.

## *2.2 – Definição de movimentos sociais*

O confronto político surge como uma reação a mudanças nas oportunidades e restrições políticas, em que os participantes reagem a uma variedade de incentivos: materiais e ideológicos, partidários ou baseados no grupo, de longa duração ou episódicos (TARROW, 1997. p, 27)

Para compreender o que foram as jornadas de junho de 2013, se faz necessário o entendimento do que são movimentos sociais e confrontos políticos. As ciências sociais há tempos têm o interesse de estudar as ações coletivas e como elas se organizam. Existem três grandes teorias, duas americanas e uma europeia que visam analisar o movimento social e entender sua forma de organização e como se constituem.

As teorias norte-americanas são Teoria de Mobilização de Recursos (TMR) e a Teoria do Processo Político (TPP). As duas teorias focam na racionalidade e na ação estratégica como motores para que a ação coletiva ocorra. Ou seja, acreditam que a organização se dá depois que os indivíduos calculam os custos benefícios de se participar de uma ação coletiva.

A TMR vê o movimento social como uma organização, uma entidade burocrática, ordenada, não espontânea e baseada na racionalidade. Com esse entendimento de ação social como resultado de um cálculo racional dos custos benefícios, acreditam que para se obter um movimento social de sucesso era necessária uma mobilização de recursos financeiros e organizacionais que se encontram disponíveis na sociedade. A TPP também enfoca na racionalidade e na coordenação no interior do movimento, contudo, sua centralidade não está na mobilização de recursos econômicos e de organização, e sim na abordagem dos elementos culturais e políticos.

Já a teoria europeia, denominada Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS), não se foca apenas no movimento social como uma ação estratégica e de cálculos de custo benefício. Ela possibilita que a ação coletiva seja compreendida também como uma luta que associa questões culturais, na qual se identificam laços de confiança e solidariedade. Assim, não é apenas o cálculo racional e estratégico que está sendo colocado como foco, mas sim o contexto cultural em qual os grupos estão inseridos e possibilita entender como os indivíduos criam esses laços de solidariedade em um movimento, por mais que eles não sejam contemplados pelos benefícios que a ação poderá trazer.

Nesse sentido, a luta dos atores coletivos não se restringe à sua inclusão no sistema de organização política ou à obtenção de benefícios materiais, mas envolve a construção de novas identidade, culturais, linguagens e hábitos. (CARLOS, 2011. p. 153)



Contudo, essas três teorias de movimento social não foram suficientes para compreender os movimentos como um todo e não foram amplas o suficiente para entender as características internas da ação coletiva e as relações entre os participantes, e então surge a compreensão dos movimentos sociais através da análise de redes sociais.

A partir da análise de redes sociais se chega a ideia de que a ação coletiva é também formada por laços de sociais entre os participantes, formando uma rede que conecta vários participantes, garantindo assim uma multiplicidade de atores. Ela possibilita entender que a ação coletiva se estrutura a partir da relação que os atores têm uns com os outros dentro de um grupo e organização. Foca-se não somente na ideia de ação coletiva para se chegar a um benefício, mas compreende que as relações que se estabelecem dentro de um movimento são tão importantes quanto os cálculos racionais que o levaram a ser realizado e o resultado que será alcançado.

A análise de redes sociais possibilita reconstruir o denso e complexo tecido relacional que estrutura as relações entre atores no interior de grupos e organizações específicas ao movimento e, por extensão, desses com atores político-institucionais. (CARLOS, 2011. p. 154)

Resumidamente, a análise de redes sociais compreende que o movimento social e a ação coletiva não são apenas um planejamento racional e lógico, em que leva em conta os custos benefícios, culturais, políticos e econômicos, mas também em decorrência da relação estabelecida entre as pessoas de um grupo. Os laços que elas criam e como elas se organizam também são peças chave para compreender a ação coletiva e o porquê ela ocorre.

Entende que movimento social não é apenas um protesto público, ele é uma organização peculiar, que é formada a partir de uma rede de interações informais, composta por múltiplos atores, que se engajam em relações de conflito com oponentes definidos e que apresentam uma identidade coletiva diferente. A rede de movimento social se constrói a partir da construção da identidade coletiva, que vai muito além de um evento ou protesto específico.

Além disso, compreende que um movimento possui os momentos de latência e fase visível. A primeira corresponde às atividades internas do movimento, sejam elas

culturais, organizacionais ou de estruturação. Mas são os momentos em que as ações coletivas não estão fundadas em um protesto ou ato específico, mas sim, na ideia de reunião do próprio grupo. Já a fase visível é quando o movimento ganha dimensão pública, ou seja, quando realiza protestos e ações.

É possível, a partir dessas teorias, e principalmente com base da teoria de redes sociais, ter uma maior base para tentar compreender os movimentos mais recentes, como os que ocorreram em junho de 2013, com foco nos protestos organizados pelo Movimento Passe Livre. Isso porque, assim como descrito na teoria de rede social, o MPL não é um movimento de protestos. Há toda uma organização social por trás disso, um reconhecimento de pertencimento à causa defendida, ao grupo e à luta que não se resumem apenas aos momentos de visibilidade do movimento, mas também continuam com o reconhecimento de identidade coletiva nos momentos de latência.

### *2.3 O Movimento Passe Livre e sua organização em 2013*

O Movimento Passe Livre já existe bem antes das jornadas de junho de 2013 acontecerem. Sua gênese é no ano de 2003, contudo se tornou mais conhecido em 2005 por sua participação no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. O coletivo já vinha atuando em manifestações importantes sobre mobilidade urbana e transporte público, como a Revolta do Buzu – 2003 em Salvador – e a Revolta da Catraca – 2004 e 2005 em Florianópolis.

O movimento se denomina horizontal, autônomo, independente, sem filiações a instituições e apartidário, mas não antipartidário. O movimento é predominantemente de jovens e discute e luta por outro projeto de transporte para a cidade. Um projeto em que prevaleça a mobilidade urbana, com um transporte público de verdade, ou seja, gratuito e de qualidade. Invés de lutar por pautas genéricas vai direto ao foco - um objetivo claro e imediato - de um dos sintomas da sociedade, o sistema o transporte público e a mobilidade urbana. O MPL possui uma organização federal, contudo, os movimentos nas cidades possuem sua própria autonomia em relação ao movimento federal, respeitando os princípios adotados pelo movimento como um todo (GOHN, 2014).

O movimento ganhou intensa notoriedade após sua participação nos atos ocorridos em 2013. As manifestações de 2013 tiveram início em decorrência do decreto divulgado no dia 2 de junho em que se propunha o aumento do valor da passagem de transporte público – ônibus, metrô e trem – em São Paulo. O aumento era de R\$3,00 para R\$3,20. Frente a esse aumento, foi organizado o 1º ato, ocorrido no dia 6 de junho. A convocação foi em São Paulo e foi realizada por coletivo, contudo o Movimento Passe Livre era o predominante. Para que o ato tivesse visibilidade, foi realizado em pontos estratégicos da cidade, em que há grande circulação de pessoas. Nesse ato houve algumas depredações por parte dos manifestantes, o que fez com que a mídia noticiasse o movimento com tom de vandalismo, liderado por estudantes aliados ao MPL e aos partidos de oposição (PSTU, Psol e PCO). Nesse primeiro dia já houve confronto entre a polícia e os manifestantes.

O 2º ato, ocorrido no dia 8 de junho, pode ser considerado como o mais “audacioso”, porque se espalhou pelas áreas nobres da capital paulista. Houve confrontos com a polícia e as autoridades estadual e municipal fizeram declarações condenando os protestos. A mídia continuava a divulgar o movimento como um “ato de baderneiros” e as publicações online dos sites de redes sociais ganhavam força como uma fonte alternativa aos grandes veículos de comunicação.

No dia 11 ocorreu o 3º ato. No mesmo dia à tarde ocorreram outras duas manifestações em São Paulo – uma dos funcionários de saúde e outra de policiais civis do Estado. Houve violência e algumas pessoas foram detidas e cerca de 100 ficaram feridas. É nessa data que se entende que o movimento já não era mais do controle do MPL, e sim, uma revolta popular, principalmente pelo fato da violência policial contra os manifestantes. A repressão policial foi através de balas de borracha, bombas de efeito moral e spray de pimenta.

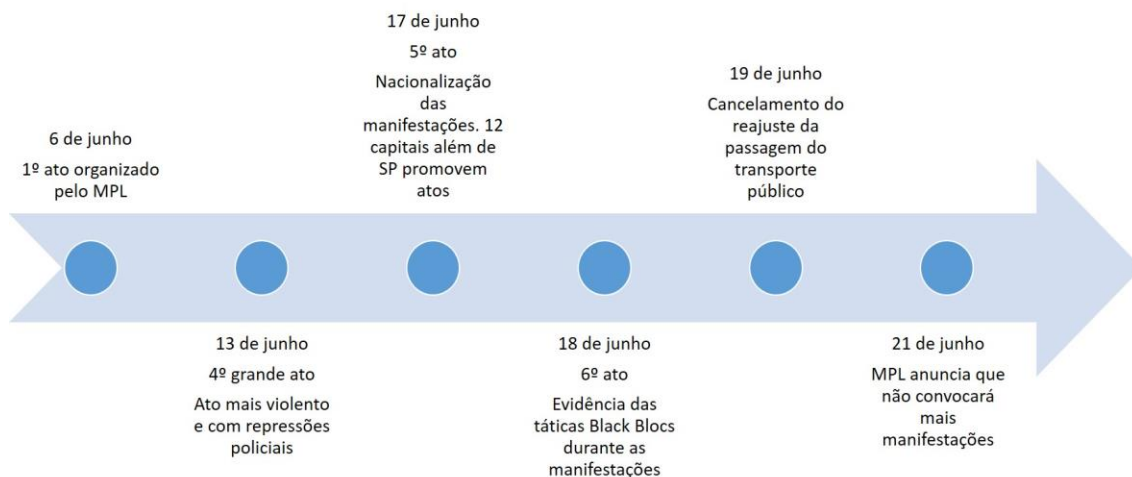
O dia 13 de junho é considerado o dia do grande ato, já que é quando há a mais intensa repressão policial e quando a sociedade e a opinião pública começam a mudar as suas versões sobre o movimento. O protesto começa a ganhar mais apoio e força da sociedade. É nesse dia que uma repórter da Folha de São Paulo, que estava trabalhando, foi atingida no olho por uma bala de borracha. Sua foto é intensamente compartilhadas, tanto pela mídia nacional como pelos veículos de imprensa internacional. Essa situação

é o marco para a mudança de posicionamento da mídia para noticiar os atos, os antes vândalos, passam a ser tratados como manifestantes de um espetáculo da democracia. O despreparo da polícia para lidar com conflitos coletivos como os que estavam ocorrendo ficou evidente.

O 5º ato, dia 17 de junho, é quando os protestos começam a se nacionalizar, ocorrendo atos em mais 12 capitais além de São Paulo. É quando os grupos começam a ocupar espaços públicos, como o Congresso Nacional, e muitas imagens são compartilhadas na rede online. Devido a repercussão na mídia, a polícia abrandou sua atuação repressiva. O protesto seguinte, ocorrido no dia 18 de junho, começou tranquilo, contudo, terminou com a presença da Tropa de Choque e algumas prisões foram realizadas. Nesse dia saques às lojas, arrombamentos de bancos de depredação em patrimônios públicos foram realizadas e registradas. É nessa data que a ação de grupos com a tática Black Bloc fica em evidência.

O dia 19 de junho foi uma importante data, mesmo não concentrando nenhum ato de manifestação. É nesse dia que o reajuste do transporte público foi eliminado, não havendo o aumento de R\$0,20 nas tarifas de passagem o ato do dia 10, que marcou o 7º protesto, foi pensado como uma celebração da conquista alcançada, contudo, houve violência em vários locais das 75 cidades que realizaram protestos.

Conforme o tempo vai passando, mais pessoas vão tomando as ruas, sem deixar de lado as suas individualidades de lado e com os confrontos políticos e as demandas pedidas, as pessoas vão se divergindo, e por consequência o movimento que antes era centralizado na questão de transporte urbano, vai perdendo força. Outras demandas vão aparecendo, pautas que não eram da intenção do MPL – fim da corrupção, oposição à Copa das Confederações, melhorias na saúde e educação, contra a PEC 37 entre outras. Aliado a isso, e os confrontos nas ruas, com as ações Black Blocs, o Movimento Passe Livre se retira das manifestações no dia 21 de junho, anunciando que não convocaria mais manifestações após a redução do valor da passagem em São Paulo.



*Figura 1: Linha do tempo de momentos relevantes organizados pelo MPL*

Segundo Maria da Glória Gohn, em seu livro *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*, os atos ocorridos em junho de 2013 podem ser separados e analisados em 3 grandes momentos. O primeiro, caracterizado pela desqualificação e descaso da mídia, reúne os atos entre os dias 6 e 11 de junho. Os atos são vistos como um movimento de estudantes que a mídia tenta retratar como vandalismo, aferindo assim toda a parcialidade para a construção da narrativa dos acontecimentos. O movimento que iniciou sua mobilização pela internet, viu nela forças para fazer oposição à grande mídia e publicar versões distintas àquelas veiculadas pelos grandes meios de comunicação.

O segundo momento é caracterizado pela violência e a revolta popular frente às ações policiais. Esse momento tem início no 4º ato no dia 13 de junho e vai até o dia 20 de junho. Nesse período em que ocorre o ápice da repressão policial e violência nas manifestações. É nesse momento em que a grande mídia começa a mudar o seu posicionamento e passa a retratar as manifestações não só como um ato de vândalos. A jornalista da Folha de São Paulo que foi atingida por uma bala de borracha é um dos motivos para a virada de posicionamento da mídia. Cada vez mais os atos foram ganhando mais adeptos e manifestantes, atingindo proporção nacional com ocorrência de atos fora da capital paulista. As publicações nos sites de redes sociais ficam ainda intensas e um grande volume de dados é produzido, com textos e relatos, fotografias e

vídeos dos momentos das manifestações. A internet, assim como a rua, se torna palco das ações dos manifestantes e seus apoiadores.

O último momento é quando ocorre a vitória da demanda básica com o anúncio do cancelamento do aumento das tarifas do transporte público em SP, no dia 19 de junho. O 7º ato, ocorrido no dia 20 é que marca essa virada do momento. É nessa virada que as manifestações ganham outras demandas, como as reclamações com o investimento na Copa das Confederações. Dia 21 de junho o MPL se retira das manifestações já que a pauta central não era mais o transporte público. É nesse momento em que as ações de tática Black Bloc, que já estavam presentes desde o início da jornada, se intensificaram e mais ações de violência são apresentadas nas manifestações.

As manifestações de junho de 2013 têm forte presença da violência em seu contexto, contudo, ela não se apresenta da mesma forma e não apresenta o mesmo significado. Ela está presente tanto na ação policial como dentro do movimento, executada por ações Black Bloc. De um lado ela significa repressão, uma forma de manter a ordem e a organização da cidade, uma forma de proteção do governo e contenção do movimento. De outro, ela aparece como performance do movimento, uma tática para que o movimento tenha voz e seja visível, isso acontece através do Black Bloc.

A novidade em 2013 é que a violência entra em cena nas manifestações de ruas como tática de uma ala do movimento (Black Bloc) no conjunto mais geral que a compõem. Embora não se denominem movimento, mas tática, sua visibilidade performática domina a cena quando acontece. (GOHN, 2014. p. 74)

O Black Bloc é um considerado um movimento ideológico, que muitos veem como anarquista, que surgiu na Alemanha nos anos 1980. Ele surge como uma maneira de resistir à repressão policial que estava atuando de forma ofensiva contra acampamentos antinucleares e squats em diversas partes da Alemanha. Para se defenderem e defenderem o espaço autônomo, surge a tática Black Bloc. Aos poucos, a tática difundida se espalha pela Europa e também chega aos Estados Unidos no período contra a OMS em Seattle. A partir desse momento a tática passou a também realizar ataques contra símbolos do capitalismo, como uma representação de sua oposição à

exploração e violência geradas pelo sistema capitalista. Logo essa prática de violência simbólica passou a ser adotada pela tática Black Bloc em suas posteriores atuações.

Assim, o Black Bloc se denomina muito mais como uma tática de luta do que como um movimento que preza pela violência. Até porque não avaliam seus atos como violência, e sim, como performance, uma intervenção simbólica aos patrimônios, sejam eles públicos ou ligados ao capitalismo, e todos os significados ocultos por trás desses símbolos. É uma forma de reação e de fazer com que a sua voz seja escutada e suas críticas sejam percebidas.

Nas manifestações de junho de 2013, manifestantes usaram dessa tática desde o 1º ato, ganhando mais força com o decorrer das jornadas, até chegar em seu ápice no final de junho e no desenrolar do segundo semestre do ano.

Alega-se que em junho “eles” vinham atrás do grupo de manifestantes e depois passaram a vir na linha de frente para proteger. Esse fato conferiria à violência uma legitimidade, é resposta, reação e não ataque. Argumentam que a depredação não é violência, mas é uma intervenção simbólica que atinge o cerne do capitalismo: a propriedade privada. Violência, para esses manifestantes, é ferir pessoas e isso é o que a polícia faz. (GOHN, 2014. p. 58)

### **3 – Metodologia de coleta e visualização de dados através da #passelivre**

#### *3.1 Histórico processos de coleta e visualização de dados*

Visualização de grande volumes de imagens digitais ainda é um processo em desenvolvimento, e com isso, ainda se encontram obstáculos, seja na extração desses dados como na apresentação em forma de visualização deles. Desde 2013 o Labic tem iniciado esse processo de estudos de Big Data<sup>3</sup> de imagens e suas visualizações.

O primeiro processo de extração e análise de imagens ocorreu em 2013, também com a temática das jornadas de junho, contudo foi utilizada a hashtag #protestoes que continha imagens locais dos movimentos que estavam acontecendo no Espírito Santo. Na época, foi usado o site de rede social Facebook, já que tinha acabado de lançar a opção de busca através de hashtags e foi o site que se percebeu ser muito usado para publicar textos e imagens dos protestos locais.

Por uma questão de tempo e necessidade de analisar as imagens conforme as manifestações ocorriam, essa extração de imagens aconteceu manualmente. Os movimentos eram frequentes e não havia tempo para desenvolver programas/software que conseguissem extrair grandes quantidades de imagens com as informações necessárias para poder analisar de forma satisfatória as imagens. Foram coletadas um total de 492 imagens do Facebook no período de 18 a 20 de junho.

Para o processo de visualização dessas imagens, foi utilizado o software ImageJ. Na época, era o único método desenvolvido em que se conseguia obter uma visualização com grande volume de imagens e que fosse capaz de atender às demandas de análises propostas.

---

<sup>3</sup> Big data são ativos de informações que contêm grande volume, grande velocidade e grande variedade, exigindo formas de processamento inovadoras e de custo efetivo, proporcionando assim uma melhor percepção e tomada de decisão acerca dos resultados. (GARTNER. 2013).



O ImageJ<sup>4</sup> é um programa java, de domínio público, utilizado para o processamento de imagens e desenvolvido pela Research Services Branch, ramificação do National Institute of Mental Health localizado em Maryland, Estados Unidos. Ele está disponível para os sistemas operacionais Windows, Mac OS, Mac OS X e Linux, e roda em qualquer computador que contenha Java 1.4 ou posterior. O programa foi criado utilizando código aberto, fornecendo extensibilidade por meio da criação de novos plug-ins Java, e possibilitando a resolução de possíveis problemas de análise e visualização a partir da linguagem criada pelo próprio usuário.

A macro ImagePlot, utilizada com o software ImageJ, foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos de Software, de NY, cujo fundador e diretor é o professor pesquisador Lev Manovich. Desde 2007, esse grupo desenvolve pesquisas sobre análise de cultura relacionada às interações na internet, bem como visualizações de Big Data (como por exemplo a de 4535 capas da Times Magazine dispostas por data de publicação e brilho). [LINK](#)

As ferramentas de visualização existentes na macro mostram os dados das imagens como pontos, linhas e barras. As visualizações do ImagePlot mostram as imagens reais, que podem ser redimensionadas em qualquer tamanho e organizadas em qualquer ordem - de acordo com as respectivas datas, conteúdo, características visuais. Como o vídeo digital é apenas um conjunto de imagens estáticas individuais, a macro também consegue explorar padrões em filmes, animações, jogos, e outros dados de imagem em movimento (MANOVICH, 2012).

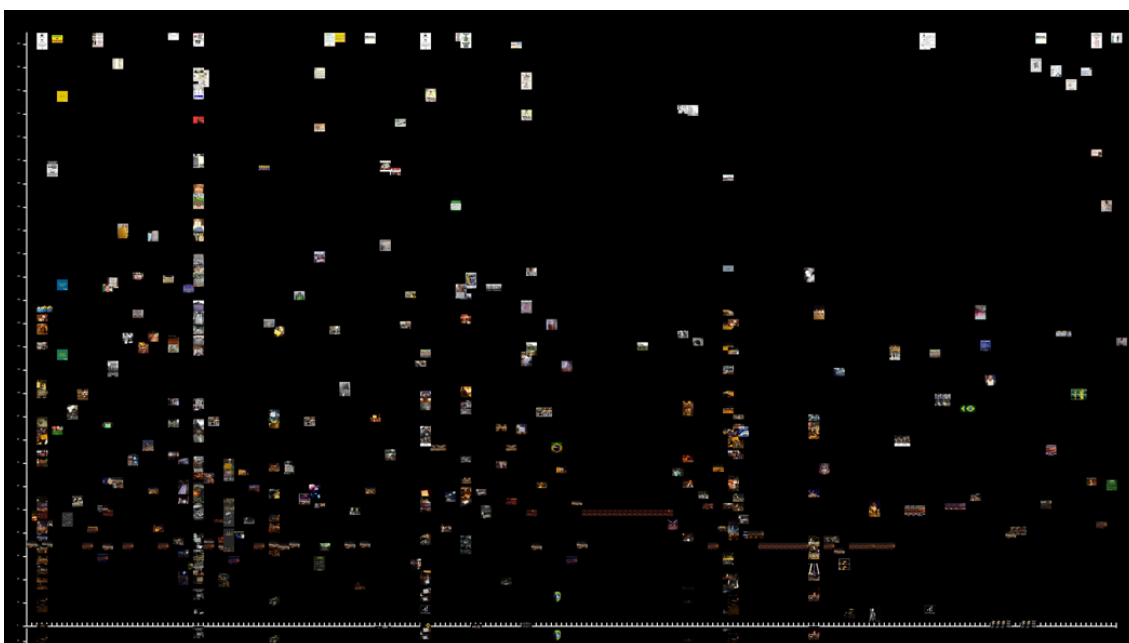
Os modos de visualização podem ser obtidos por meio de cronogramas e gráficos de dispersão que mostram todas as imagens que foram selecionadas pelo usuário. Através deles você consegue descobrir os clusters - conjuntos de imagens que são semelhantes em conteúdo ou propriedades visuais; explorar padrões de metadados

---

<sup>4</sup> “o ImageJ pode exibir, editar, analisar, processar, salvar e imprimir imagens de 8 bits, 16 bits e 32 bits. Ele pode ler vários formatos de imagem, incluindo TIFF, GIF, JPEG, BMP, DICOM, FITS e "RAW". Ele suporta "stacks" (“pilhas”), uma série de imagens que partilham de uma única janela. É multitarefa, assim operações demoradas, como a leitura do arquivo de imagem pode ser realizada em paralelo com outras operações. (...) Ele suporta padrões de funções de processamento de imagem como manipulação de contraste, nitidez, suavização, detecção de bordas e filtragem mediana” (Traduzido do <http://rsb.info.nih.gov/ij/docs/intro.html>)

existente (isto é, datas, nomes, entre outros); e acrescentar anotações, palavras-chave ou as características visuais (ou seja, brilho, saturação, matiz, formas) (idem).

A seguir está um exemplo de uma das primeiras visualizações geradas a partir do ImageJ. Nela estão contidas os dados de usuários (eixo X) e o brilho médio (eixo Y) das imagens do Facebook que continham a hashtag #protestoes.



*Figura 2: Visualização de usuário x brilho médio imagens #protestoes*

Após o uso do software ImageJ que atendia as demandas básicas da pesquisa e das análises, O próximo desafio foi automatizar o processo de coleta de grandes volumes de imagens. Isso fez com que o laboratório se focasse nessa demanda e desenvolvesse métodos que fossem mais eficientes, que dispensariam a coleta manual, além de ampliarem o volume de dados trabalhados.

### *3.2 – Estudo de caso #passelivre*

Como as pesquisas em coleta de texto já estavam mais avançadas, principalmente na coleta dos textos do Twitter, focou-se em um método capaz de usar o desenvolvimento das coletas de texto ampliando para as coletas de imagem. A coleta envolvendo a hashtag #passelivre foi uma das primeiras a serem realizadas nesse

formato: coleta de tweets para depois realizar a coleta das imagens presentes nessas publicações.

Com a ideia de analisar o fenômeno das jornadas de junho de 2013, primeiramente foi realizada uma busca entre o período de 15 de junho a 15 de julho de postagens feitas no site de rede social Twitter com o uso de hashtags. Como haviam muitas hashtags que tratavam sobre um mesmo movimento, foi escolhida aquela que pudesse ser mais geral e que continha um grande volume de dados e que conseguisse exprimir a ideia da demanda central do início das manifestações: o aumento de passagem e a atuação do Movimento Passe Livre nos protestos. Através dessa pesquisa, chegou-se à hashtag #passelivre, que foi usada nacionalmente e que continha tweets sobre os atos que estavam acontecendo e que eram organizados pelo MPL, foco central desse estudo.

Através do software *yourTwapperKeeper*<sup>5</sup>, foram extraídas as redes de tweets pertencentes a cada hashtag, as quais, após serem extraídas passam a compor um dataset (conjunto de dados). O dataset criado é um arquivo de terminação *.csv* que contém todos os tweets publicados no período de extração e as informações disponíveis sobre eles, como a data de publicação, número de republicações, entre outras, que podem ser usadas para análise subsequentes.

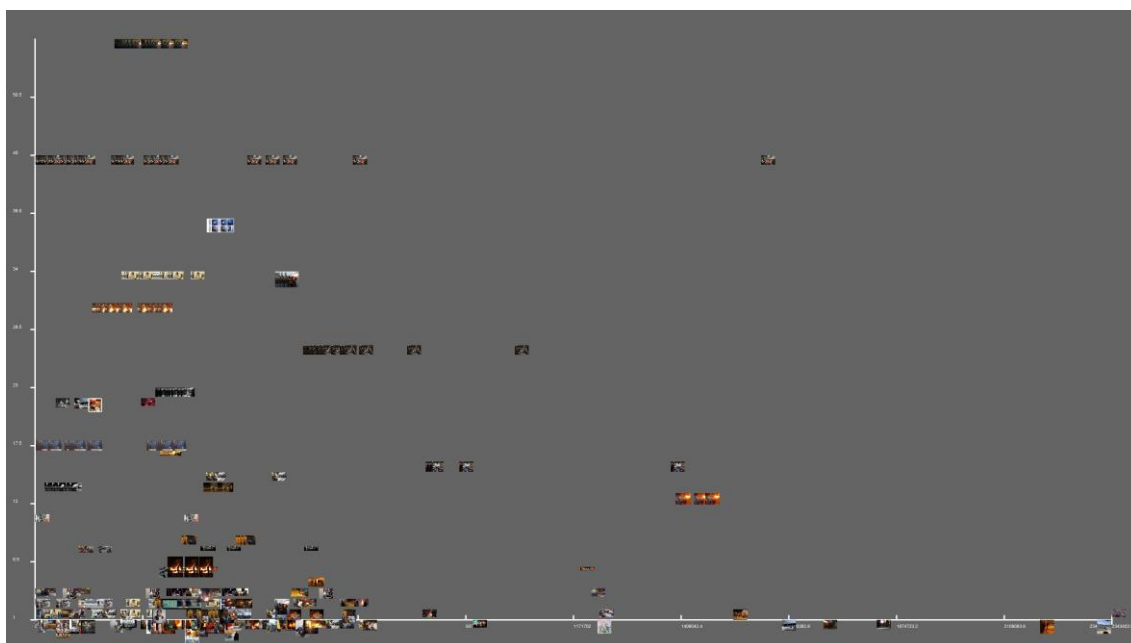
O passo seguinte foi utilizar uma linha de script em java que separou apenas os tweets com links, abriu cada link, salvou a página da internet em uma tabela excel e fez o download das imagens presentes, guiando-se através da extensão dos arquivos. Para que não houvesse uma grande ocorrência de imagens desnecessárias, como peças de publicidade ou elementos gráficos do design do site, foram estabelecidos padrões para as imagens que seriam consideradas válidas: as imagens deveriam ter um tamanho mínimo de 200x200 pixels e um tamanho em disco de, pelo menos, 15 kb. Também só seriam aceitas imagens nos formatos *.bmp*; *.jpg*; *.jpeg*; *.tiff* e *.tif* para a coleta.

---

<sup>5</sup> *yourTwapperKeeper* é um software online e open source, que é utilizado para a captura de tweets postados com determinada hashtag.

Assim, foi criado um banco de dados com as imagens publicadas no Twitter com a hashtag #passelivre. Chegou-se a um total de 6.637 imagens com convocatórias para os atos, imagens de momentos do movimento nas ruas, pessoas com cartazes, multidão ocupando os espaços públicos, assim como momentos de violência, com a repressão dos policiais, confronto entre manifestantes, pessoas feridas e imagens que mostram a performance dos manifestantes em quebrar e intervir patrimônios.

A primeira visualização das imagens realizada com esse banco de dados foi gerada pelo ImageJ, utilizando as referências de tempo e quantidade de RT (retweet/número de compartilhamento) das imagens.



*Figura 3: Visualização tempo x quantidade de RT #passelivre*

Através dessa visualização é possível perceber como foi a importância das imagens publicadas para narrar sobre os acontecimentos de junho de 2013. Imagens que foram mais compartilhadas durante o período de um mês, provavelmente foram muito importantes e foram referência para representar os protestos. Além disso, podem ser analisadas questões da permanência e duração das imagens presentes na internet, uma discussão muito pertinente e que envolve também as questões de memória e imagem e a noção de encurtamento do tempo presente.

Como não há possibilidade de interação com as imagens, não é possível selecioná-las e assim, ampliá-las para uma melhor visualização. Do mesmo jeito que não é possível evitar a sobreposição das imagens, o que faz com que muitas das 6.637 imagens fiquem em blocos com grandes quantidades de imagens sobrepostas e não seja possível analisá-las. A partir desse momento se percebeu que apenas as visualizações geradas pelo ImageJ não seriam suficientes para avançar nos estudos e análises de imagens. Essa insuficiência é gerada tanto pela sobreposição de imagens que o software gera, assim como a maneira mais complexa de gerar visualizações, em que são usados dois parâmetros, gerando uma visualização com eixo x e y.

A busca então passou a ser por métodos de visualizar as imagens como um todo, em que se pudesse observar todas as imagens de um dataset, ou pelo menos grande parte delas, uma busca por uma possível interatividade com a visualização e que evitasse a sobreposição das imagens. Dessa maneira que se chega ao software usado para gerar as visualizações desse trabalho, o ImageCloud.

O ImageCloud é uma aplicação criada por pesquisadores do Labic com a ideia de visualizar uma grande quantidade de imagens de forma mais clara e efetiva. A proposta é simples: plotar - dispor – as imagens baseando-se em um único parâmetro, que pode ser tanto a quantidade de publicações, como por cor, colocando como referência saturação, brilho ou matiz da imagem. Dessa forma, o aplicativo evita que as imagens fiquem sobrepostas e facilita a visualização de todo o grupo de imagens, gerando uma visualização linear e mais simplificada de compreender. Para as análises contidas nesse trabalho foi utilizado dois métodos de visualização de imagens a partir do ImageCloud.

### *3.3 – Violência nas imagens da #passelivre*

Com o objetivo de analisar as imagens de violência dos atos do MPL em 2013, primeiro se faz necessário compreender o conceito de violência aplicado nos movimentos sociais. As ciências sociais, quando analisa as ações coletivas, aborda a violência em dois pilares: a violência como forma de repressão e a violência como performance da ação coletiva.

A primeira, assim como define Tilly (1978), é qualquer ação de outro grupo que faz com que o custo da ação coletiva aumente. Ou seja, faz com que as ações coletivas sejam dificultadas e encontrem uma barreira em sua estratégia de atuação e de mobilização. Geralmente, a repressão é o mais provável quando o movimento social luta por mudanças que ameacem tanto o governo quanto os grupos de elite. As formas de repressão são variadas, e podem ser através da prisão de manifestantes com justificativa de desobediência civil ou até as formas mais violentas aos manifestantes, como ataques físicos, tiros e bombas. A justificativa para essa ação repressiva é que as ações dos manifestantes são ameaçadoras da ordem civil e que a mesma precisa ser reestabelecida, e uma das formas de se conseguir isso é contendo os manifestantes e as suas ações.

Contudo, essas formas de repressão e de conter um movimento que pode ser uma ameaça às estruturas da ordem, podem ser mais um motivo para a ação coletiva, como foi o caso das jornadas de junho de 2013. Diante das ações truculentas da polícia, o movimento ganhou mais destaque e mais participantes que viram nos dizeres “sem violência” uma outra demanda para as suas ações: mostrar sua contrariedade frente às ações policiais.

É mais fácil mobilizar-se contra uma polícia violenta e excêntrica que atira insurgentes jovens e sinceros na cadeia do que contra autoridades públicas que parecem sensatas e que organizam seminários para os participantes de demonstrações e ainda protegem a sua liberdade de expressão contra os opositores. (DELLA PORTA & REITER, 1997 apud TARROW, 1997. p. 115)

Já a segunda forma de violência nos movimentos sociais é através da performance pública. Um confronto político possui um repertório, ou seja, a forma que guiará as ações e as performances de um movimento. Os repertórios são importantes como formas de atrair visibilidade a uma ação coletiva, assim como maneira de mobilização de mais indivíduos. Nas performances os manifestantes podem usar cartazes, palavras de ordem, modo de se mobilizar na rua, assim como a violência como ação performática.

Segundo Tarrow (1997), “a violência é o traço mais visível da ação coletiva”, isso porque são necessárias poucas coisas para que o ato ganhe visibilidade “tijolos, bastões ou correntes, do som das vidraças quebrando.”

Dessa maneira, assim como mencionado anteriormente, a violência se faz como tática de performance, como maneira de mostrar as insatisfações dos indivíduos e parte da sua ideologia, como a tática Black Bloc que ataca símbolos do capitalismo e patrimônios privados.

Como o objetivo do trabalho é discutir sobre as imagens presentes na #passelivre que pudessem narrar sobre o fato dentro da temática de violência, foi necessária a separação dessas imagens específicas dentro do universo de 6.637 imagens. Tentou-se agrupar as imagens de forma automática utilizando um script<sup>6</sup> desenvolvido no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), através do software MatLab. A ideia do script é usar um algoritmo que reúne as imagens a partir de um grau de semelhança delas. Isso é, ele analisa todas as imagens através do histograma e as características visuais de cada uma (cor, brilho e saturação) e faz uma comparação entre elas, definindo quais são semelhantes. A partir disso, ele agrupa as imagens em grupos de imagens iguais. Foram realizadas algumas tentativas para identificar qual processo seria o melhor para o estudo desse caso das imagens dos protestos. O primeiro foi através da seleção de um número como referência para a distância das imagens, e assim, chegar ao grau de semelhança e agrupar as imagens. Ou seja, quanto maior o número de referência, mais abrangente em relação a semelhança, por vezes classificando imagens distintas como iguais. Quanto menor o número de referência, mais minuciosa é a análise, e mais próximo de imagens semelhantes se chega.

Contudo, esse processo se mostrou complexo e ineficaz, já que seria preciso muitos testes para se chegar a um número de referência que fosse eficiente. Então, uma alternativa foi o outro modo de agrupamento que o script permite – selecionar a quantidade de grupos em que as imagens fossem separadas. Assim, as imagens mais semelhantes, quiçá iguais, ficariam juntas em um mesmo grupo, enquanto as mais diferentes ficariam separadas em outros grupos. Foi selecionada a quantidade de 300 grupos em que as imagens seriam separadas. Porém, o resultado continuou sendo

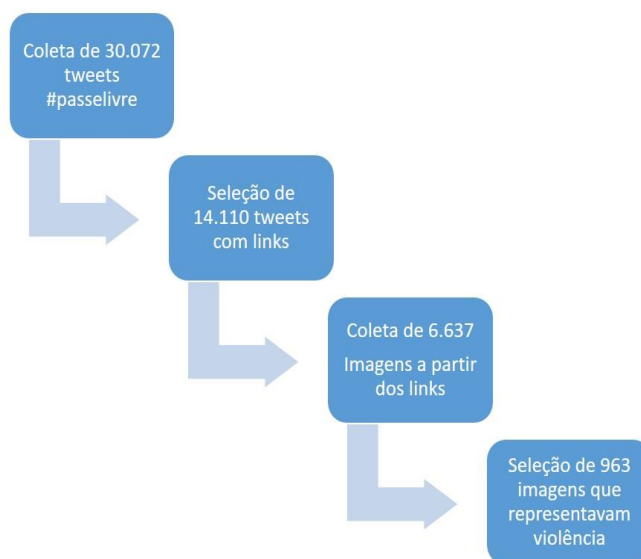
---

<sup>6</sup> É uma sequência de procedimentos em alguma linguagem de programação, seguidas por sistemas computacionais e trazem informações que são processadas e transformadas em ações efetuadas por um programa principal.

insatisfatório. Muitas imagens semelhantes foram agrupadas, mas algumas imagens semelhantes foram colocadas em outros grupos, como se fossem distintas.

Devido a separação desejada das imagens possuir uma ideia subjetiva – caracterizar o que é violência – e não agrupar imagens através de padrões delimitados como tamanho da imagem, valor de brilho, cor, matiz ou quantidade de pixels, a melhor maneira para o agrupamento das mesmas foi através da análise individual e manual de cada uma e selecionar as que eram características de violência. Ou seja, imagens que continham o enfrentamento entre policiais e manifestantes, pessoas feridas, sinais de vidros quebrados e as intervenções em patrimônios – públicos e privados – como parte do repertório de violência dos manifestantes. Por não possuírem um padrão delimitado, a separação manual foi parte essencial do processo.

Assim, em um total de 6.637 imagens chegou-se a uma quantia de 936 imagens relacionadas a atos de violência. Com essa quantidade, foi possível gerar visualizações que mostravam apenas esse nicho de imagens.



*Figura 4: Esquema com o processo de coleta das imagens #passelivre*

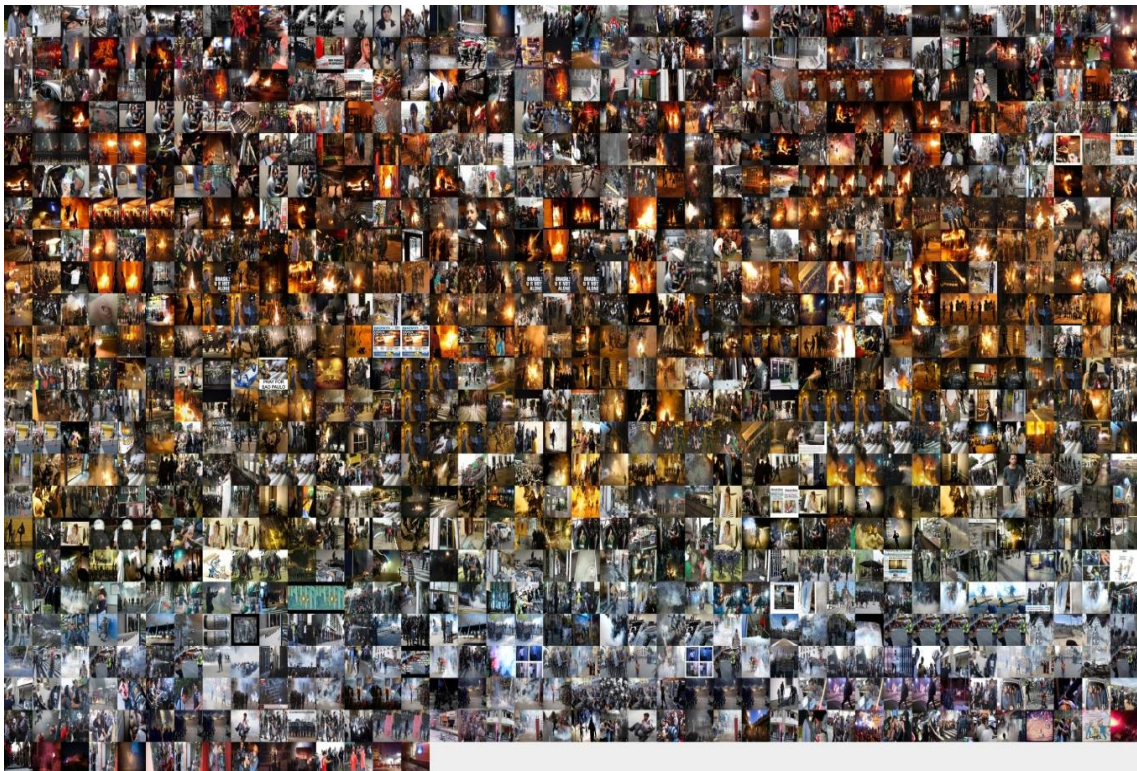
### 3.4 – Visualizações e análises com as imagens de violência #passelivre

As visualizações obtidas através do ImageCloud para esse trabalho foram utilizados os parâmetros de cor das imagens e o número de compartilhamento de cada



imagem. A primeira, por cor, reúne as imagens que possuem características em comum, segundo o parâmetro a ser analisado, que pode ser matiz, brilho ou saturação. Já a visualização através da quantidade de retweets de cada imagem, é realizada pelo número de compartilhamento que cada imagem possui no dataset. Assim, o tamanho de cada imagem e sua sequência na visualização usa desse dado. As primeiras imagens são consequentemente maiores e com maior número de compartilhamento. Conforme ela se posiciona à direita e abaixo, menos vezes foi compartilhada na rede.

A primeira análise das imagens de violência referentes à #passelivre é a visualização a partir da cor das imagens. As 936 imagens apresentadas estão organizadas através do seu matiz de cor<sup>7</sup>. Sendo assim, as imagens que apresentam valores semelhantes de matiz se encontram próximas, e quanto mais distantes, mais diferente seus valores.



*Figura 5: Visualização das imagens de violência a partir do matiz da cor*

Por essa visualização é possível perceber que as imagens se separam em três grandes grupos. O primeiro com imagens que apresentam imagens com tonalidade mais

---

<sup>7</sup> Matiz é a característica que define e distingue uma cor. Vermelho, verde ou azul, por exemplo, são matizes.

próxima ao vermelho, o segundo com imagens em que o laranja e o amarelo ganham destaque e um terceiro grupo em que as imagens se aproximam dos tons de azul. Ao observar essa visualização, é possível perceber que o bloco que apresenta maior volume é o segundo, com as imagens com tons alaranjados e amarelos, representando, em média 42% de todas as imagens. Em sequência, o grupo que apresenta maior volume de imagens é o terceiro, com as imagens azuladas, representando cerca de 31% do volume total. O primeiro bloco de imagens, em que estão as com tons avermelhados, é o que apresenta menos imagens, cerca de 21% do volume total.<sup>8</sup>

Os dois primeiros grupos tem como importante característica, além da presença de tons avermelhados e alaranjados, serem imagens escuras, com grande presença de preto. Isso é pelo fato de serem imagens de momentos dos protestos. Os atos ocorridos em junho de 2013 foram principalmente atos noturnos, ou seja, as imagens das ruas tomadas, das pessoas nas manifestações são características por serem imagens escuras, feitas à noite.

Nessas imagens noturnas, quando se fala em violência, fica evidente marcas muito fortes de tons alaranjados e amarelados como realce da noite. Esses pontos alaranjados representam principalmente o fogo e os estilhaços das armas de fogo utilizadas pelos policiais. Dessa maneira, a violência presente nas imagens mostra tanto o lado da repressão e ataque dos policiais aos manifestantes – com armas de fogo, bombas de efeito moral e gases lacrimogênicos – como também uma resposta dos manifestantes, com barreiras de fogo e focos de incêndio como um repertório e uma performance para seu ato. Quando não há presença de fogo, o tom alaranjado representa a iluminação das ruas, que em um ambiente escuro, obtém essa coloração. Assim, essas imagens apresentam pessoas feridas e o confronto entre polícia e manifestantes e também os atos de violência promovidos pelos manifestantes, como destruição de patrimônios e ações dos Black Blocs.

Já o terceiro bloco de imagens é representado pela tonalidade de azul. Essas já são imagens diurnas, em sua maioria, posteriores aos dias dos atos. Elas mostram os

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que esse valor de porcentagem é apenas uma aproximação, já que está sendo utilizado como base uma quantificação através da própria visualização, e não a quantidade real de imagens presentes em cada bloco.

reflexos e efeitos das manifestações nas ruas. Muitas mostram vidros e vitrines quebradas, bancos destruídos que representaram as ações dos manifestantes nas ruas.

Vale ressaltar que a maioria das imagens, seja ela noturna, com tons alaranjados ou diurna, apresenta uma característica muito representativa, que é a fumaça. Isso é em decorrência das bombas atiradas pela polícia e até o gás de efeito lacrimogênio que foi muito usado como repressão policial para conter os manifestantes nas ruas.

Através dessa análise é possível entender como um grupo de imagens que falam sobre um mesmo momento e temática conseguem seguir padrões estéticos, de conteúdo e de cores. Em um geral, as imagens de violência dos atos ocorridos em junho de 2013 possuem além da temática, possuem cores e estilos de imagens muito semelhantes, e por isso, é possível separá-las em 3 grandes grupos.

A segunda análise a ser realizada é com base na visualização das imagens com presença de violência ordenadas através do número de compartilhamentos. Assim, as imagens que aparecem no topo esquerdo e maiores são as que obtiveram maiores valores de retweets, enquanto quanto mais à direita e abaixo ela se encontra, e consequentemente com tamanho menor, mais baixo foi o seu número de compartilhamentos.

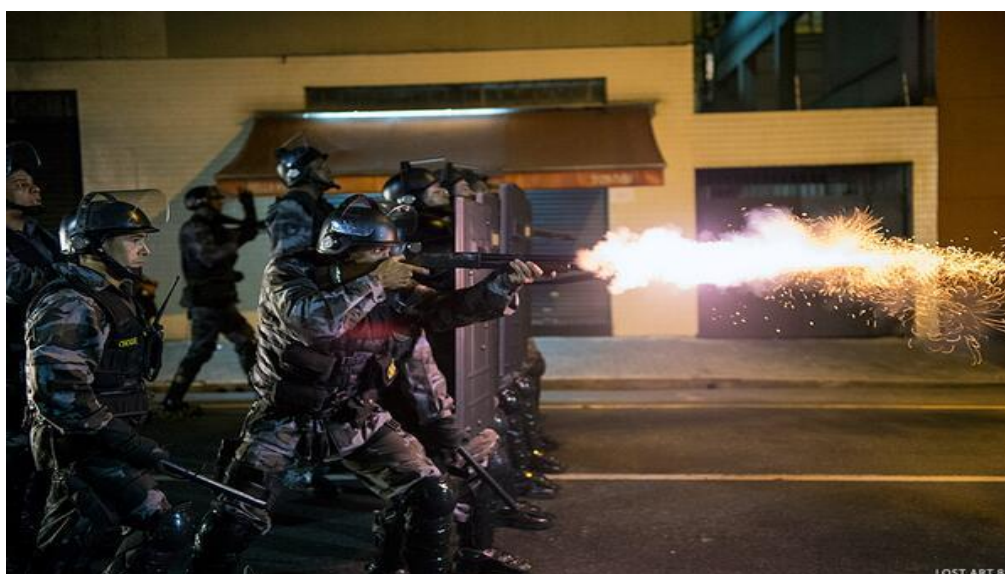
Pode-se perceber que as 10 imagens mais compartilhadas foram imagens que demonstram principalmente a ação violenta da polícia como ponto central de seu discurso. Ao total, seis imagens mostram a polícia em ataque, com armas, bombas de gás e contendo os manifestantes. Já três das imagens mais compartilhadas são de manifestantes que se rebelaram e usaram a quebra de patrimônios como seu repertório de confronto e sua performance pública. Como dito anteriormente, a violência dos manifestantes foi usada como tática dos grupos denominados Black Blocs que tinham a ideia de romper com a ideologia de vandalismo e queriam centrar sua performance contra o capital.



*Figura 6: Visualização das imagens de violência a partir do número de compartilhamentos*

O que se pode observar é que as imagens seguem uma espécie de disputas de narrativas: de um lado a narrativa produzida pela ação truculenta policial, que possivelmente foi compartilhada por usuários que estavam em apoio ao movimento. De outro lado, está a narrativa produzida pelas ações violentas dos manifestantes como performance, que por muitas vezes foram compartilhadas como alvo para desqualificar o movimento e fazer com que ele perdesse a credibilidade.

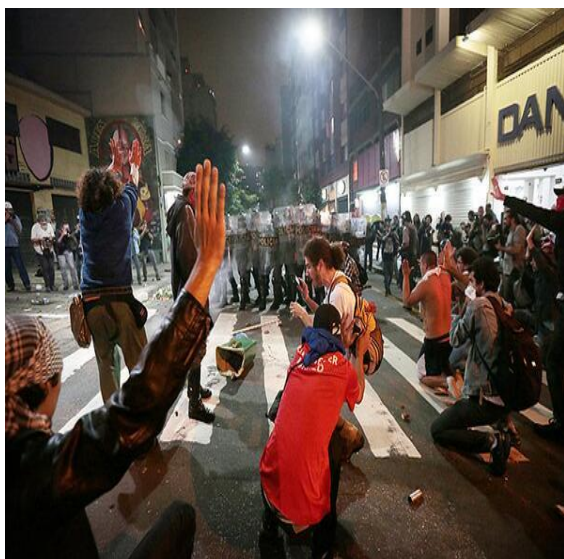
É interessante perceber que a quantidade de compartilhamento das imagens foi menor do que o esperado. Isso porque acreditou-se que as imagens de violência teriam um grande número de compartilhamentos, por serem tão representativas do movimento e por terem dado a impressão de que foram muito repercutidas na rede. Contudo não foram tão compartilhadas no Twitter, rede analisada para esse trabalho. A imagem mais compartilhada obteve 56 compartilhamentos, enquanto a décima mais compartilhada chegou ao número de 22 retweets. Esse é um dos motivos para um grande volume de imagens se apresentarem no inferior da visualização com tamanhos tão pequenos e sendo difícil analisá-las, pois a sua maioria apresenta apenas um compartilhamento, apresentando um peso bem diferente em relação as 10 imagens mais compartilhadas.



*Figura 7: Imagem mais compartilhada, com 56 RTs*

A primeira imagem vem de um tweet original do dia 16 de junho realizado por @Ocongress. É um perfil internacional que está presente no Twitter desde 2011 e tem caráter ciberativista que vai contra o controle e dinheiro corporativista dentro do congresso. O tweet direciona a um link em que contém imagens e vídeos sobre as

manifestações em São Paulo. A imagem principal é a que mostra o exato momento de

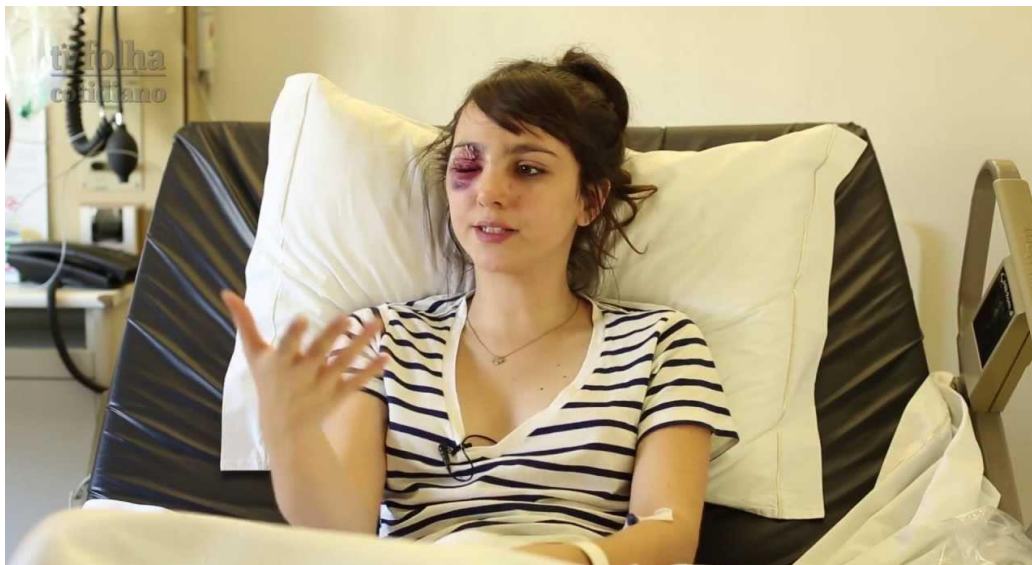


*Figura 8: Segunda imagem mais compartilhada, com 45 RTs*  
ataque da polícia usando armas.



*Figura 9: Terceira imagem mais compartilhada com 29 RTs*

A segunda imagem foi compartilhada pela primeira vez no dia 13 de junho pelo perfil da jornalista @KetyBrazil. A imagem também retrata a repressão policial, em que a polícia aponta armas aos manifestantes enquanto eles se ajoelham e pedem para não atirem. Já a terceira imagem foi coletada a partir do compartilhamento do link do blog Aldeia Gaulesa. O blog era destinado à publicações políticas e que promovessem o debate entorno do posicionamento de esquerda. A imagem em que mostra ações de violência de um manifestante foi publicada em um post titulado: “Identificado provocador pago pela direita no protesto de São Paulo”, em que se discute sobre a ação Black Bloc e a ideia de grupos de direita em enfraquecer o movimento através de depredações dos espaços públicos. Essa imagem discute e retrata o outro modo de entendimento da violência presente nas manifestações: a violência como performance de uma ação coletiva.



*Figura 10: Quarta imagem mais compartilhada com 34 RTs*

A quarta imagem foi muito característica para demonstrar a repressão policial frente ao movimento e foi um dos pilares para que os atos ganhassem mais apoio dos cidadãos nacionalmente e para que a grande mídia mudasse o seu posicionamento frente aos movimentos. Ela representa o 4º ato, no dia 13 de junho. Na foto está a repórter da Folha de São Paulo, Giuliana Vallone, que estava cobrindo as manifestações. Enquanto estava trabalhando foi atingida no olho por uma bala de borracha. No dia seguinte, essa imagem foi muito repercutida, tanto nacional como internacionalmente, e representou como estava sendo a ação policial e o seu despreparo para lidar com os manifestantes. Foi a partir desse fato que a mídia começou a noticiar sobre os movimentos não apenas como atos de vândalos, mas também mostrar a repressão policial, que até então não era discutida nos grandes meios de comunicação. A imagem é obtida através de um frame<sup>9</sup> do documentário produzido e compartilhado pela Folha de São Paulo no Youtube que fala sobre a brutalidade policial nos protestos.

---

<sup>9</sup> Frames são os quadros fixos de um vídeo ou produto audiovisual. Um vídeo é formado por uma sequência de imagens individuais dispostas em sequência por segundo. Assim, cada imagem fixa é um frame.



*Figura 11: Quinta imagem mais compartilhada com 34 RTs*



*Figura 12: Sexta imagem mais compartilhada com 31 RTs*

A quinta imagem foi compartilhada pelo perfil @KetyBrazil o dia 20 de junho. Ela também retrata a ação violenta policial em que atira bombas contra os manifestantes na Bahia. A sexta imagem foi compartilhada em um link de um portal de notícias espanhol que dá um panorama de todo o contexto e motivos dos protestos ocorridos no Brasil. A imagem mostra manifestantes com o rosto coberto, enquanto seguram um cartaz com a palavra “chega” e latas e sacos de lixo são queimados. Essa é uma imagem característica para retratar uma ação Black Bloc ocorrida nos atos de 2013.



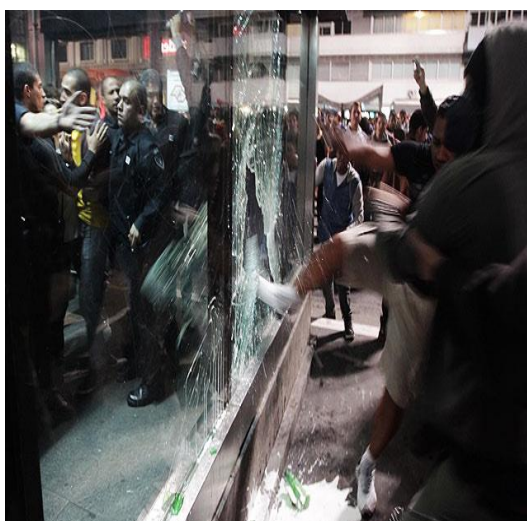
*Figura 14: Sétima imagem mais compartilhada com 27 RTs*



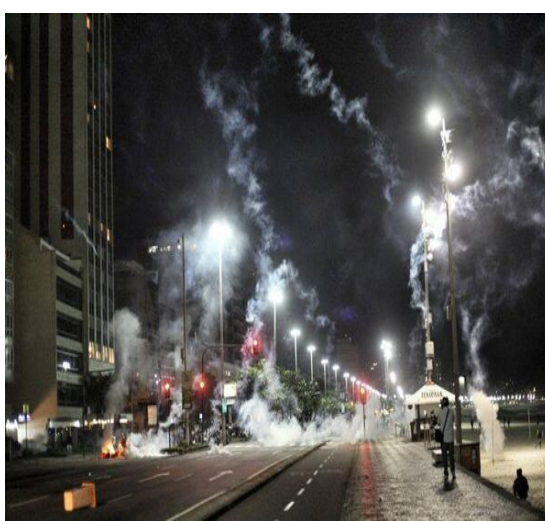
*Figura 13: Oitava imagem mais compartilhada com 27 RTs*



Já a sétima imagem é também um frame de um vídeo ao vivo transmitido pelo programa Brasil Urgente. Nessa imagem está a legenda: O Brasil nas ruas – protesto pacífico: radicais tentam invadir prefeitura. Com a associação da imagem junto a legenda é possível perceber o papel da mídia ao retratar o que foi o movimento e tentar resumi-lo apenas como um ato de vandalismo. A oitava imagem mostra policiais contendo manifestantes. Contudo, o tweet que continha o link em que essa imagem estava presente foi deletado, não podendo assim ter uma análise mais profunda sobre essa imagem, saber a data de sua publicação, o perfil que a compartilhou e o que ele dizia.



*Figura 15: Nona imagem mais compartilhada com 23 RTs*



*Figura 16: Décima imagem mais compartilhada com 22 RTs*

A nona imagem foi compartilhada pelo link da Folha de São Paulo que publicava ao vivo sobre as manifestações. A imagem dá a interpretação de ser o registro de uma ação Black Bloc, em que um homem quebra o vidro de uma estação de metrô que estava fechada devido às manifestações. Contudo, ela também pode ser interpretada como uma ação de fora do movimento, de uma pessoa que não está satisfeita com os atos que estavam ocorrendo e com a paralisação da cidade. Por fim, a décima imagem foi coletada de um site internacional que compartilhou uma galeria com dezenas de fotos das manifestações que ocorriam no Brasil. Nela é possível perceber a presença de fumaça, que pode tanto ser resultado de uma ação Black Bloc como também de uma ação policial que atirou bombas de gás.

É importante ressaltar que as explicações das imagens acima são com base no link em que se foram coletadas essas imagens. Isso não quer dizer que outras pessoas não compartilharam a mesma imagem a partir de outro link, outro perfil e outra data. A base para essa análise foi realizada a partir do número de compartilhamento que essas imagens obtiveram.

A partir dessa segunda análise, em que se pode ver quais foram as imagens mais representativas para conduzir a compreensão e a narrativa das jornadas de junho de 2013, pode-se perceber a dualidade da visão de violência. Ao mesmo tempo em que as imagens mostram os momentos de repressão policial, assim como os atos de performance dos manifestantes que se centraram na tática de violência tanto como forma de se tornar visível como forma de proteção aos ataques policiais.

Contudo, vale observar que na totalidade das dez imagens mais compartilhadas, seis imagens representam a violência empregada pela polícia como forma de conter as manifestações, enquanto quatro representam a violência como tática performática. A partir disso, é possível intuir que as imagens em que mostram as ações policiais foram muito importantes para construir a narrativa da violência nas manifestações, assim como foram importantes para visibilizar o movimento nacionalmente e promover ações em demais estados que não estavam diretamente afetados pelo impacto no aumento da passagem do transporte público e nem pelas ações policiais truculentas ocorridas em São Paulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de todo esse estudo e as análises envolvidas é possível começar a compreender o quanto as mudanças impulsionadas pelos avanços da tecnologia e pela internet não se restringiram apenas às mudanças comunicacionais - na relação de produtor de conteúdo e público - mas também interferiram no modo das pessoas estabelecerem suas relações interpessoais e também no modo como os novos movimentos sociais vão se construindo e se solidificando com o uso dessas novas ferramentas e tecnologias, como os sites de redes sociais.

Os sites de redes sociais possibilitaram uma maior participação do indivíduo como sujeito produtor e disseminador de conteúdo em uma esfera mais ampla e com possibilidade de um maior alcance de público. Assim, se tornaram uma importante fonte alternativa de informação diferente dos grandes veículos e organizações comunicacionais.

Ademais, pode-se perceber o quanto a imagem se faz cada vez mais presente no cotidiano, tanto como um artefato para a produção de memória como ferramenta informacional. Com a noção de encurtamento do presente, com a necessidade da velocidade da informação e de transmiti-la de maneira simples e direta, as imagens se tornam cada vez mais importantes, inclusive para poder conduzir a narrativa de um acontecimento.

A hashtag #passelivre é apenas um exemplo de como os estudos e análises das imagens podem construir a história de um acontecimento e intuir sobre relações que podem estar despercebidas com apenas o texto ou as informações compartilhadas. A análise das imagens, seja através das visualizações de cor, frequência de compartilhamentos ou através do tempo de publicação podem auxiliar na visualização de informações presentes nessas imagens e garantir análises alternativas às já realizadas a partir do conteúdo dos textos.

No caso analisado, pode-se perceber que as imagens de violência foram importantes em seu volume dentro do universo total de imagens com a hashtag #passelivre. Das 6.637 imagens compartilhadas, sendo elas de convocatórias para os

atos, fotos das pessoas nas ruas nos momentos de manifestação, os cartazes com as palavras de ordem, 963 imagens representavam os momentos de violência dos protestos, sejam por parte da polícia ou por parte dos manifestantes. Além disso, essa construção da história através da ótica de violência presente nas imagens construiu duas narrativas sobre o mesmo movimento e que disputaram a maneira de narrar o acontecimento e de se posicionar favorável ou contrário aos atos ocorridos em junho. A primeira, narrativa que tem como centralidade a violência policial, e, possivelmente, é favorável ao movimento, amparou a legitimidade dos atos em decorrência da ação policial. Já a segunda narrativa é a que mostra a violência dentro do próprio movimento, que por muitas vezes foi usada como suporte para desqualificar os atos e apontar o movimento como uma reunião de baderneiros que desestabilizavam a ordem da cidade. Assim, duas narrativas com objetivos opostos entram em disputa para contar sobre o Movimento Passe Livre nas Jornadas de Junho de 2013.

Aliada a essa análise, é possível perceber que as características visuais da imagem também podem auxiliar na construção da história de um movimento. No caso estudado, a análise de cor se fez muito importante como maneira de identificar padrões e dissonâncias das imagens de uma mesma temática. Além de possibilitar a percepção de que ao representar violência, as imagens seguem um determinado padrão, em sua maioria a presença de tons alaranjados que representam o fogo presente nas imagens de conflito.

Devido a contemporaneidade, tanto das transformações tecnológica como dos novos movimentos sociais, se faz cada vez mais necessário estudos que abordem essas questões para compreender um pouco mais sobre elas e contribuir para que demais análises sejam realizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Leandro Pimentel. O inventário como tática: a fotografia e a poética das coleções. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014

CALMON, Priscila. Narrativas controversas: As tramas emergentes da ciberguerra do #Wikileaks, Vitória, 2013

CARLOS, Euzeneia. Contribuições da análise de redes sociais as teorias de movimentos sociais. v.19, n 39. p 253 - 166, 2011

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo. Petrópolis: Vozes, 2014

HAACKE, Veronica; GOVEIA, Fabio; CARREIRA, Lia. A Importância da Indexação e Categorização para a Análise de Grande Volume de Dados. 2014. Disponível em: <<http://www.labic.net/wp-content/uploads/2015/09/indexicacao-categorizacao-bigdata.pdf>> Acesso em: 13 de junho de 2016

HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LISOVSKY, Maurício. O visível e o invisível: imagem fotográfica e imaginário social. In: JAGUARIBE, Beatriz (Org.). O choque do real - estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização na redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009